

OXIGÊNIO

JUNHO 2023



NÚMERO 46



Alamy 67

OS 75 ANOS
DO MAM RÍO



EDITORIAL

Em 1978 – trinta anos após a sua inauguração – três mil pessoas se reuniram nos pilotis do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, em solidariedade ao tenebroso incêndio que destruiu grande parte de seu acervo. A emocionada manifestação dos cariocas em apoio à instituição foi um marco na história do MAM, que mantém essa relação de intimidade com a cidade, e cuja história pode ser vivenciada na celebração dos seus 75 anos, matéria de capa dessa edição.

Na exposição comemorativa do museu, *MUSEU-ESCOLA-CIDADE: O MAM EM CINCO PERSPECTIVAS*, o público é convidado a olhar para a trajetória do MAM Rio nas suas três primeiras décadas, tendo como marco temporal o incêndio de 1978. A curadoria, coletiva, resulta de um esforço de todas as equipes do museu que se uniram para realizar a mostra que apresenta 500 itens de seu acervo.

"Os campos de atuação escolhidos – educação, design, experimentação, cinemateca e movimentos artísticos – cimentam a relevância do MAM Rio como uma instituição que se entende, desde sua fundação, como um centro de formação e um espaço intimamente ligado às dinâmicas da cidade", comenta o diretor artístico Pablo Lafuente.

No segundo semestre, a instituição irá inaugurar uma segunda mostra comemorativa, dos anos 1980 até os dias atuais. Situado no Parque do Flamengo, com projeto do arquiteto Affonso Reidy e paisagismo de Burle Marx, o MAM Rio exhibe a alma do carioca.

Boa leitura!

Foto de capa: Carlos Vergara, *Sem título*, 1967 / Divulgação

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone
Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato
Colaboradora: Antonella Kann

ÍNDICE

04

OXIGENE: *Auto da Compadecida, a Ópera*, faz nova turnê em capitais brasileiras | Coletivo de Galochas estreia espetáculo histórico poético inspirado na Coluna Prestes | *Prêmio Foco ArtRio* – Inscrições até 30 de junho

11

MATÉRIA DE CAPA: Museu-escola-cidade – o MAM Rio em cinco perspectivas

18

TURISMO: Amsterdam, do outro lado dos canais

25

Inhotim expõe obras de Mestre Didi e Mônica Ventura

30

Navegar é preciso – paisagens fluminenses | Mostra na Casa França-Brasil, RJ, traça um amplo panorama da riqueza cultural do estado do Rio de Janeiro para além da capital

33

Te extraño, cariño – exposição de Ana Kemper no Parque das Ruínas, RJ

36

Coleção de Arte Bordallo Pinheiro – Diálogo entre artistas contemporâneos e o universo bordalliano

40

DIRETO DE LONDRES: *Tenho que concordar com David!*

47

Trama Canoê – uma vitrine contemporânea do artesanal ancestral amazonense, em SP

50

CINEMA: *Urubus*, filme vencedor da Mostra de São Paulo, estreia nos cinemas dia 1º



Foto: Rapha Garcia

AUTO DA COMPADECIDA, A ÓPERA, faz nova turnê em capitais brasileiras

Depois de emocionar o público em 2022, “Auto da Compadecida, a Ópera”, criada pela Orquestra Ouro Preto a partir de um dos textos mais emblemáticos de Ariano Suassuna, está de volta em 2023. Chicó e João Grilo, personagens centrais dessa obra-prima que fizeram sucesso por mais de seis décadas no teatro e no cinema, ressurgem no palco de uma maneira diferente, agora diante de uma ópera-bufa



Foto: Rapha Garcia

Com música original de Tim Rescala, que assina o libreto com o Maestro Rodrigo Toffolo, também responsável pela concepção e direção musical do espetáculo, a turnê 2023 de *“Auto da Compadecida, a Ópera”* teve início na capital paraense, em maio. Esse mês, o espetáculo estreia em Belo Horizonte, nos dias 13 e 14, no Palácio das Artes. Nos dias 24 e 25, a encenação será exibida em Manaus, com apresentações no Teatro Amazonas. Em julho, um feito inédito: no dia 15, a Orquestra Ouro Preto apresentará a ópera em evento gratuito na Praia de Copacabana!

Com 23 anos de trajetória, essa é a terceira incursão da Orquestra Ouro Preto no universo operístico e a primeira grande produção nesse formato, como conta Toffolo: *“A ópera é uma arte máxima – música, teatro, figurino, cenário e iluminação se encontram. Era um sonho antigo da orquestra começar a realizar produções de óperas. Já fizemos duas, ambas em português, ‘O Basculho de Chaminé’ e ‘O Grande Governador da Ilha dos Lagartos’, projetos pioneiros que nos deram sustentação para caminhar para um desafio ainda mais inovador, mais audacioso e de grande fôlego. ‘Auto da Compadecida’ é a nossa primeira grande ópera, totalmente original”*.

Para a nova turnê, o maestro espera repetir o sucesso do ano anterior: *“Estreamos em 2022 e o resultado foi extremamente positivo. Agora iremos apresentá-la em outras regiões do país e vamos encerrar a turnê com uma apresentação gratuita, em um espaço público da cidade do Rio de Janeiro, para que a obra alcance um público ainda maior”*.

A MONTAGEM

O diálogo direto com o público, um dos pilares da produção da Orquestra, está garantido no espetáculo que traz a comédia como elemento principal de sua linguagem, com um irretocável elenco em cena e nos bastidores da montagem. No palco, grandes nomes do canto lírico brasileiro – Fernando Portari, Marília Vargas, Marcelo Coutinho, Carla Rizzi, Jabez Lima e Rafael Siano, além de uma trupe de atores escolhidos para dar voz e corpo ao clássico da literatura brasileira – Glicério do Rosário, Léo Quintão, Claudio Dias, Marcelo Veronez e Maurício Tizumba. A direção de cena é assinada por Chico Pelúcio.

Outro ponto alto da produção são os figurinos desenhados por Manuel Dantas Suassuna, artista plástico de renome e filho do escritor. Essa parceria traz ainda um

maior enraizamento à montagem, agregando o olhar e a criação de quem nasceu, viveu, conhece e reconhece este universo como poucos.

A ideia de trabalhar o texto, escrito em 1955 por Suasuna, surgiu do desejo do maestro de ver em cena uma ópera bufa brasileira capaz de fazer rir e emocionar. “As grandes óperas brasileiras geralmente são cantadas em italiano, então existia essa nossa vontade de ter uma ópera na nossa língua materna”, explica. “A partir daí a gente foi buscar na literatura o que seria esse texto e o encontro com o *Auto da Compadecida* foi quase que imediato. É uma obra-prima da dramaturgia brasileira, extremamente teatral e operística”, acrescenta.

Mas avançar com este projeto de adaptar um clássico da dramaturgia já consolidado no imaginário popular brasileiro foi um desafio. “É preciso sempre respeitar a espinha dorsal da obra original”, diz o compositor Tim Rescala. Ele revela que para alcançar o resultado desejado a ideia foi criar uma obra derivada. “Uma nova obra, porque a linguagem é completamente diferente. Nesse caso, trata-se de cantar uma história, não simplesmente de contá-la, mas sobretudo num ritmo diferente que é o ritmo musical. Quando se canta uma cena, ela tem uma duração e um ritmo interno totalmente diferentes de um texto falado. Então o desafio inicial é esse; o outro, evidentemente, é criar uma coisa nova, mas ao mesmo tempo respeitando a espinha dorsal. E eu acho que a gente conseguiu isso com o *Auto da Compadecida*”, avalia o arranjador.

Soma-se ao encontro da excelência que conduziu Toffolo e Rescala a uma grande ópera, a visão do diretor de arte Luiz Abreu, que também se viu diante de novos desafios, mesmo após tantos anos trabalhando com grandes espetáculos. “Uma ópera é concebida como uma ‘arte completa’. Em palco, a justaposição de figurinos, cenários, dramaturgia, iluminação, engenharia de

som e outros tantos itens devem elevar a música à quintessência. E essa composição, para ser feita com maestria, exige um alto nível de dedicação e atenção”, conta Abreu, que também é diretor de marca da Ouro Preto.

SERVIÇO

Turnê “*Auto da Compadecida, A Ópera*”

Belo Horizonte

Datas: 13 e 14 de junho (terça e quarta-feira)

Horário: 20h30

Local: Grande Teatro Cemig Palácio das Artes

Av. Afonso Pena, 1537, Centro, Belo Horizonte / MG

Ingressos: <https://www.eventim.com.br/artist/orquestra-ouropreto/>

Manaus

Datas: 24 e 25 de junho (sábado e domingo)

Horário: 20h30

Local: Teatro Amazonas

Largo de São Sebastião, Centro, Manaus / AM

Ingressos:

https://shopingressos.com.br/pesquisa.php?busca=S&txt_busca=orquestra+ouro+preto

Rio de Janeiro

Data: 15 de julho (sábado)

Horário: 17h30

Local: Praia de Copacabana (na altura do Posto 2)

Entrada gratuita



Coletivo de Galochas estreia espetáculo histórico poético inspirado na Coluna Prestes



Foto: Camila Rios

O grupo de teatro Coletivo de Galochas estreia o espetáculo COLUNA PRESTES: ENCRUZILHADAS DA MARCHA DA ESPERANÇA, no Teatro Arthur Azevedo, SP, com ingressos gratuitos

Dirigida por Rafael Presto, que também assina a dramaturgia junto com Antonio Herci, a montagem busca reconstruir cenicamente uma das passagens mais icônicas e importantes da história do Brasil do século XX, a marcha da Coluna Prestes, que tinha por objetivo libertar o povo da exploração e da ignorância, evento que marca o fim da Primeira República.

O enredo se passa na década de 1920, quando a Coluna Prestes rasga o país. Durante a marcha, um grupo de oito pessoas, dos mais diferentes lugares, forma uma inusitada família, entrelaçando e mudando suas vidas. É com essa gente simples que Luiz Carlos Prestes aprende, forjando seu espírito revolucionário.

Coluna Prestes: Encruzilhadas da Marcha da Esperança faz uma imersão na cultura brasileira pelo ponto de vista das pessoas simples, da base do movimento, que fizeram a Coluna caminhar. As personagens da peça foram extraídas dos registros oficiais, com a devida licença teatral. *“Não se trata da história de grandes autoridades, mas de figuras singulares com as quais*

Prestes se relaciona. São mulheres, pessoas pretas e oficiais de baixa graduação que protagonizam a jornada”, comenta o diretor Rafael Presto.

Na montagem, o primeiro plano não pertence ao Comandante Prestes (Kleber Palmeira), líder da revolução, mas sim aos diversos núcleos que combatem ao seu lado durante a Marcha. Isabel Pisca-Pisca (Benedita Maria de Jesus Bueno Dias) e Onça (Ivone Gomes) são artistas de Cabaré que seguem com os revolucionários. Onça desenvolve uma relação com Cabo Firmino (Eder Souza), um aguerrido revolucionário saído dos cortiços paulistanos. Santa Rosa (Wendy Villalobos) carrega o fuzil que herdou do marido morto e um filho na barriga, que nasce durante a marcha. O Soldado Ângelo (Daniel Lopes), rapaz sensível e analfabeto, aprende a ler e escrever com Sargento Garcia (Diego Henrique), numa relação que pode ocultar um amor não permitido. Todas essas relações são amarradas por Tia Maria (Mona Rikumbi), com suas ervas, conselhos, rituais e giras, que também representa a Majestade Encruzilhada, abrindo os caminhos e marcando essa saga.



Foto: Camilla Rios

A encenação do Coletivo de Galochas tem como pilares duas linguagens: os núcleos dentro da Coluna Prestes e o coro cênico. Os núcleos trazem as histórias das personagens, a humanização dentro da precariedade do ambiente da revolução e também vislumbram 100 anos à frente, questionando e fazendo o elo com o presente.

A trilha das personagens negras, apoiada em uma perspectiva afro-centrada de religiosidade e filosofia, é central na narrativa. Já o coro representa a própria revolução. Coreografado e musicado, ele interage com as cenas e faz atravessamentos poéticos enfatizando os grandes acontecimentos, mas também participando como personagem coletivo da trama. Os atores e atrizes que formam o coro são oriundos das oficinas profissionalizantes, realizadas pelo Galochas, durante o processo criativo.

A música está presente o tempo todo no espetáculo, uma ferramenta cênica recorrente nas montagens do Coletivo de Galochas. A trilha sonora é original e executada ao vivo, sob direção de Antonio Herci, com arranjos contemporâneos e cinco músicos em cena (piano e sintetizadores, contrabaixo acústico, sanfona, violão de 7 cordas e percussão). Nove canções integram a dramaturgia em formatos de solos e coros, compostas durante o processo, a partir de poemas criados pelos próprios atores. Apenas uma, o samba “Ai, Seu Mé” (Freire Júnior e Careca), foi garimpada do referido período histórico.

Kleber Montanheiro assina o figurino não naturalista de *Coluna Prestes: Encruzilhadas da Marcha da Esperança*. As referências da década de 1920 estão presentes, de forma estilizada, em elementos como couro e peças de indumentária militar. O cenário, também de Montanheiro, busca inserir as personagens e os espectadores nas paisagens desse Brasil profundo que a Coluna Prestes atravessa. A poética do movimento está

em elementos que se movem em um palco misterioso, diante das incertezas dos passos a seguir.

O Coletivo de Galochas parte da sua experiência em teatro historicista para abordar esse fato do nosso passado recente, negligenciado na narrativa histórica hegemônica, investigando seus vestígios e narrativas durante seis meses de pesquisas e experimentos. A estética da montagem foi trilhada a partir de músicas, trajes, comportamentos e notícias. O grupo imergiu na pesquisa de fotos, vídeos, textos e documentos históricos em diálogo com as tradições culturais e artísticas do período, deglutindo de maneira crítica os traços culturais e desdobramentos políticos da década.

SERVIÇO

Espectáculo

Coluna Prestes: Encruzilhadas da Marcha da Esperança

Estreia: 2 de junho – Sexta, às 21h

Temporada: 2 a 25 de junho

Sexta e sábado (às 21h) e domingo (às 19h)

Ingressos: Gratuitos

Retirar na bilheteria 1h antes das sessões

Duração: 120 min | *Classificação:* 14 anos

Teatro Arthur Azevedo

Av. Paes de Barros, 955, Alto da Mooca, São Paulo / SP

Tel.: (11) 2604-5558. Na rede: [@teatroarthurazevedosp](https://www.instagram.com/teatroarthurazevedosp)

Coletivo de Galochas: www.coletivodegalochas.com.br

Site/projeto: <https://colunaprestes.com.br/>



PRÊMIO FOCO ARTRIO

O Prêmio FOCO 2023 irá selecionar seis artistas para participarem de um estande de 60m² na ArtRio deste ano, além de uma residência artística em instituição parceira após a exposição na feira. As inscrições ficam abertas até 30 de junho; os selecionados serão anunciados ao público durante o preview da ArtRio 2023, no dia 13 de setembro.

Podem participar do Prêmio FOCO artistas residentes no Brasil com até 15 anos de carreira. Informações sobre as inscrições através do e-mail premiofoco@artrio.com

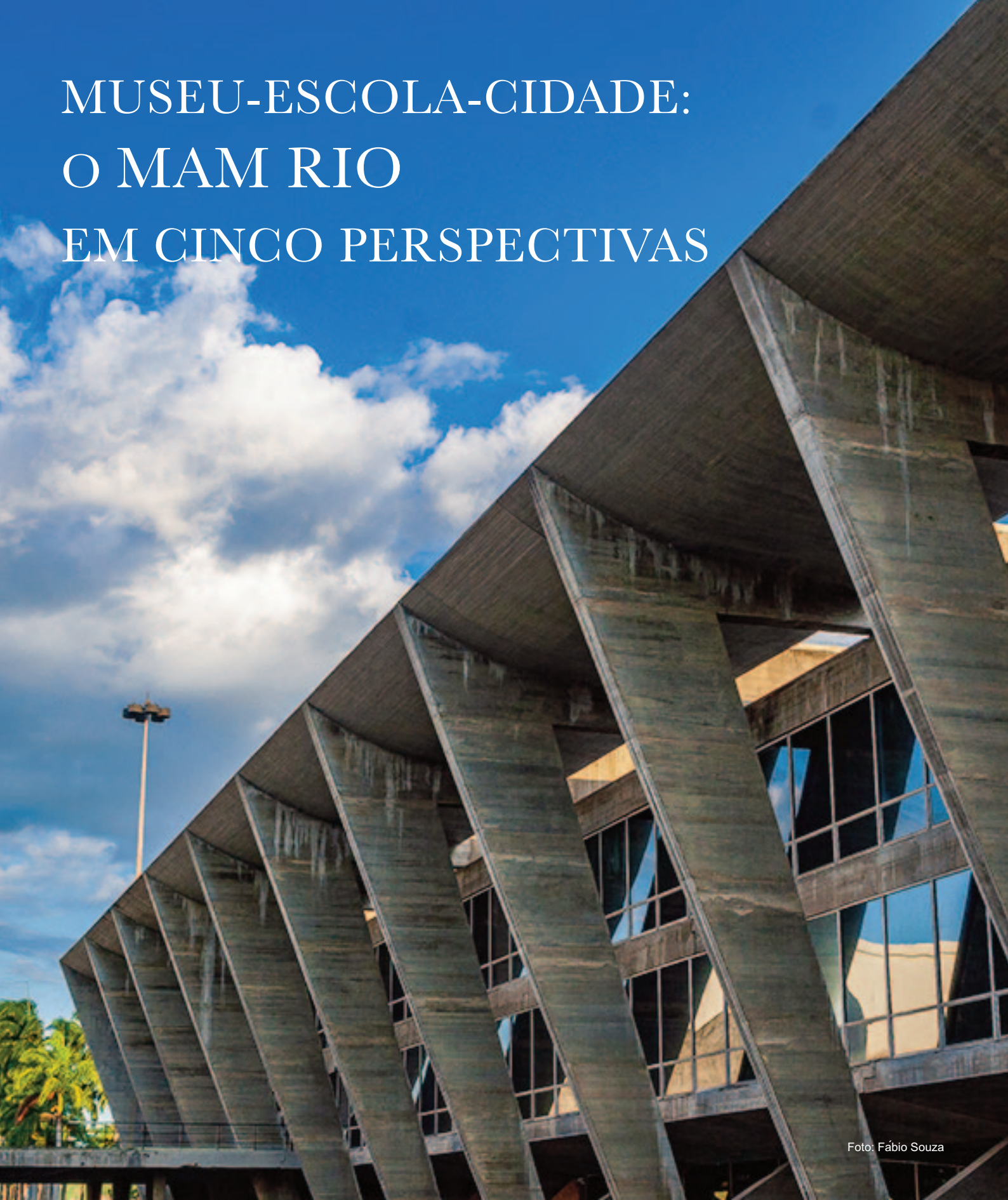
Lançado em 2013, com o objetivo de descobrir, fomentar e difundir a produção de artistas visuais com até 15 anos de carreira, o Prêmio selecionou ao longo de suas oito edições talentos para participarem de residências artísticas em importantes instituições do Brasil ou exterior. Os premiados ainda integraram, a cada ano, uma mostra conjunta em um estande especial durante a ArtRio.

<https://artrio.com/foco>

INSCRIÇÕES ATÉ 30 DE JUNHO



MUSEU-ESCOLA-CIDADE: O MAM RIO EM CINCO PERSPECTIVAS



Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro completa 75 anos, conta sua história em exposição com mais de 500 itens do acervo e convida o público a olhar a biografia da instituição a partir de cinco áreas de atuação: educação, design, experimentação, cinemateca e movimentos artísticos

O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro celebra seus 75 anos com a abertura da exposição *Museu-escola-cidade: o MAM Rio em cinco perspectivas*. Com cerca de 500 itens, entre obras do acervo e documentos do arquivo da instituição, a mostra propõe um exercício de memória a partir dos cinco eixos temáticos que foram fundamentais para a sua história, e apresenta um evento que mudou o curso do museu.

A proposta é convidar o público a olhar para a trajetória do MAM Rio nas suas três primeiras décadas, por meio da educação, do design, da experimentação na produção artística, da Cinemateca do MAM e dos movimentos artísticos na história da arte brasileira e internacional, tendo como marco temporal o incêndio de 1978. A curadoria resulta de um esforço de todas as equipes do museu, que se uniram em um processo coletivo para realizar a mostra.

"Os campos de atuação escolhidos cimentam a relevância do MAM Rio como uma instituição que se entende, desde sua fundação, como um centro de formação e um espaço intimamente ligado às dinâmicas da cidade", comenta o diretor artístico Pablo Lafuente. "Em cada uma dessas áreas, obras do acervo são apresentadas junto a documentos dos arquivos do museu, escre-

vendo a história por meio de objetos, registros e narrativas que mostram cursos de ação que se entrecruzam em movimentos de convergência e divergência."

A exposição reúne grandes nomes para pontuar os momentos em que o museu foi espaço de experimentação, produção de pensamento e fazer artístico: Abraham Palatnik, Alberto Giacometti, Anita Malfatti, Anna Bella Geiger, Anna Maria Maiolino, Antonio Dias, Candido Portinari, Carlos Vergara, Carlos Zilio, Cildo Meireles, Constantin Brancuși, Fayga Ostrower, Hélio Oiticica, Ivan Serpa, Lygia Clark, Lygia Pape, Max Bill, Nelson Leirner, Rubens Gerchman, Tunga e Willys de Castro, dentre 93 nomes da arte brasileira e internacional.



Antonio Dias, *Um pouco de prata para você*, 1965
Foto: Divulgação

Anna Bella Geiger, *Burocracia*, 1978

Foto: Divulgação

"Podemos dizer que é uma exposição coletiva e parcial. Coletiva porque conta sobre ações desenvolvidas por muitos, dentro e fora do museu. Em resposta, sua curadoria é assinada pela totalidade da atual equipe da instituição. Parcial porque é feita a partir de escolhas que necessariamente deixam de fora muitos elementos e histórias e, portanto, demandam que o exercício de memória e reflexão a que ela dá início seja contínuo", avalia Lafuente.

"Atuando de forma revolucionária, o MAM Rio não somente abrigou manifestações artísticas, mas apoiou e incentivou a experimentação", destaca Beatriz Lemos, curadora do museu. "A ideia da mostra é dar visibilidade a esses momentos em que a instituição foi um espaço único de vanguarda."

Criado como um museu-escola, em 3 de maio de 1948, o MAM Rio encontra-se instalado desde 1958 no icônico edifício localizado à beira da Baía de Guanabara. Referência da arquitetura moderna mundial, o projeto de Affonso Eduardo Reidy foi assolado por um incêndio em 1978, que marcou a mudança de períodos na história da instituição. O evento permeia a narrativa criada pela mostra *museu-escola-cidade*, que ocupa o Salão Monumental e revisita seu projeto expositivo original, desenhado por Karl Heinz Bergmiller.

Composto por painéis, vitrines e pedestais, o sistema criado pelo designer de origem alemã foi usado na expografia entre 1967 e 1978. *"Bergmiller pensa em todos os preceitos da arquitetura do museu e tem a preocupação de manter o vão livre. Ele constrói esse sistema modular e móvel para que possa ser modificado com facilidade, permitindo a utilização do prédio de diferentes formas"*, explica Aline Siqueira, pesquisadora da equipe do MAM Rio.

Especialmente, os períodos e as áreas de trabalho do museu se mesclam ao longo desta mostra, que se debruça sobre as perspectivas institucionais a partir dos cinco eixos curatoriais.

O MAM RIO SOB CINCO LENTES

A seção dedicada à **educação** salienta o pensamento que acompanha o museu desde a sua fundação, com cursos de teoria e prática de diversas modalidades, ministrados por artistas a partir de 1952. Ganham destaque os primeiros cursos desenvolvidos a partir de

1958, no Bloco Escola. A mudança de perfil dos cursos sob a coordenação de Frederico Morais em 1969, em que o foco passa a ser a experimentação, é outro ponto alto. Bem como o momento pós-incêndio, com iniciativas de outros projetos que assumiram a educação do museu até os tempos mais recentes, incluindo a ocupação do Galpão das Artes, projetado no local/espaço destinado ao Teatro, que serviu de espaço para os ateliês nos anos 1990.

Entre as fotografias das atividades realizadas nos diversos espaços do museu, desde os ateliês provisórios até os eventos promovidos nos entornos da instituição, merecem atenção os registros dos *Domingos da Criação* – iniciativa incontornável na escrita da história do museu, idealizada pelo então coordenador de cursos, Frederico Morais. Também compõem a seção capas dos catálogos das exposições dos alunos do artista Ivan Serpa e obras dos expoentes que atuaram como professores no Bloco Escola, como Aluísio Carvão, Anna Bella Geiger, Carlos Vergara, Cildo Meireles, Décio Vieira e Fayga Ostrower.

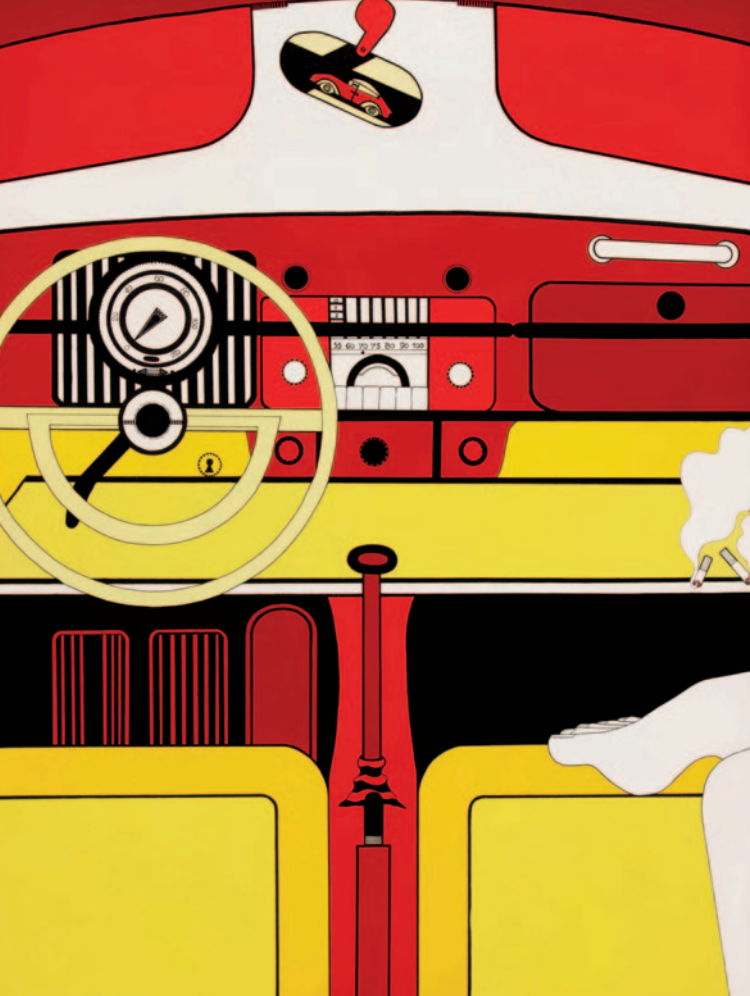
Essa perspectiva educacional encontra a sessão dedicada ao **design** na abordagem sobre a Escola Técnica de Criação (ETC), projeto feito em parceria com o artista argentino Tomás Maldonado que teve como inspiração conceitual e prática a Escola de Ulm, na Alemanha, onde ele era professor. Apesar de não ter sido executado, suas ideias foram fundamentais para a criação do programa pedagógico do Bloco Escola, influenciaram a criação da Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI) da UERJ, inaugurada em 1962, e formaram as bases para a implementação do Instituto de Desenho Industrial (IDI), que funcionou no museu entre 1968 e 1980. Esta seção explora também o design do logotipo do MAM Rio e o sistema de exposições de Bergmiller, reconstruído para a mostra.

"O museu é um lugar definidor na história do design brasileiro, uma vez que traz o frescor do que se fazia de vanguarda no mundo, em conexão com o Rio de Janeiro", situa Beatriz Lemos. Esta seção traz fotografias de Tomás Maldonado e Max Bill, ligados à diretoria e à programação da ETC; e a documentação do

Da esquerda para a direita: chaise-longue Le Corbusier, poltrona grand confort Le Corbusier, cadeira Siege-tournant Le Corbusier, Cadeira-Bentwood 209 Irmãos Thonet, cadeira Joaquim Tenreiro

Foto: Fábio Souza





Wanda Pimentel, *Sem título*, 1968

Foto: Divulgação

período de atuação do IDI, em que propôs exposições, organizou as Bienais Internacionais de Desenho Industrial e atuou na consultoria de manuais de mobiliário escolar para o Ministério da Educação e Cultura. Também são exibidas algumas páginas do projeto de Bergmiller, que registram a sua instalação no espaço expositivo; peças de mobiliário que poucas vezes foram expostas, como as cadeiras de Joaquim Tenreiro e Le Corbusier; e uma história visual da logomarca do MAM Rio.

O bloco sobre o fazer **experimental** mergulha na atitude artística que entra no museu com a Unidade Experimental – um grupo de trabalho e laboratório pedagógico criado por Frederico Moraes, no Bloco Escola, que visava promover experiências em todos os



Carlos Zilio, *Auto-retrato*, 1973

Foto: Divulgação

níveis. *"Daí surge um modo de pensar arte muito próprio do momento, que não se rende ao objeto de arte nem ao mercado ou à ideia tradicional de exposição, mas à própria experimentação. Isso se torna uma metodologia comum na arte até os dias de hoje"*, explica Beatriz Lemos.

O anteprojeto de regulamentação da Unidade Experimental é um dos destaques da seção, junto a obras de Hélio Oiticica, Cildo Meireles, Carlos Zilio, Artur Barrio, Lygia Clark, Lygia Pape, Tunga, Antonio Manuel, Luiz Alphonso e Antonio Dias. Estes e outros artistas participaram das experimentações que resultaram em exposições – como *Circumambulatio*, de Anna Bella Geiger, desenvolvida em parceria com os alunos do

curso ministrado por ela – e eventos organizados dentro do museu e no seu entorno.

Outro pilar que sustenta a concepção do MAM Rio é a **Cinemateca**, cujo modelo original engloba o acervo de filmes, documentação e pesquisa, e tem como carro-chefe a programação, que introduz a ideia de memória do cinema junto ao público. Em atividade desde 1955, a Cinemateca do MAM influenciou gerações de realizadores, incluindo a do Cinema Novo de 1968 e a de curta-metragistas dos anos 1960 e 1970, marcando a cultura carioca. Atualmente, a Cinemateca do MAM promove exposições, debates e encontros, além de oferecer apoio nacional e internacional a mostras e retrospectivas, principalmente sobre cinema brasileiro. Nesse núcleo, o público tem acesso à documentação relacionada à programação e a parte do acervo histórico da Cinemateca, como projetores, lanternas mágicas e cartazes raros.

Por fim, *museu-escola-cidade* resgata alguns dos **movimentos artísticos** que estiveram ligados à história do MAM Rio, destacando o papel da instituição como proponente desses movimentos e do seu desenvolvimento. Associado ao modernismo desde a sua fundação, o MAM Rio assumiu como tarefa principal acolher e dar acesso à arte do seu tempo, e também contribuiu diretamente na criação de outros movimentos artísticos como a abstração geométrica, o neoconcretismo, a nova figuração e a experimentação.

"O museu estava ligado a todos esses movimentos da passagem da arte moderna para o início da arte con-

temporânea, entre o final dos anos 1950 e a década de 1970", ressalta Beatriz Lemos. Ganham destaque as primeiras obras adquiridas para o acervo, de importantes nomes da arte nacional e internacional como Alberto Giacometti, Anita Malfatti, Candido Portinari, Djanira, Fernand Léger, Victor Brecheret e Heitor dos Prazeres, além de obras daqueles que estiveram diretamente envolvidos no surgimento desses movimentos artísticos no espaço do MAM Rio.

A FORÇA DA RECONSTRUÇÃO

Para além dos cinco conceitos, há ainda um sexto núcleo, dedicado ao ano de 1978, quando ocorreu o fatídico incêndio que atingiu o Bloco de Exposições e destruiu 585 obras, aproximadamente a metade do acervo, além da totalidade da biblioteca. A mostra não foca no fato em si, mas na resposta da sociedade civil e dos artistas e outros profissionais da cultura de reconstruir o museu e seu acervo.



Lygia Clark,
Composição,
1952
obra
restaurada
Foto:
Divulgação



Nelson Leirner,
réplica de
Homenagem a Fontana,
1967-2013
Foto: Divulgação

Além de fotografias do dia do incêndio e da documentação acerca da mobilização, que reuniu mais de três mil pessoas nos pilotis do MAM Rio, esta parte da exposição traz obras que foram restauradas posteriormente – como a tela *Composição* (1952), de Lygia Clark – e aquelas transformadas por seus autores, como é o caso de Nelson Leirner, que converteu *Homenagem a Fontana* (1967) num díptico em 2013, e de Glauco Rodrigues, que restaurou parcialmente à tela *Índio verde e amarelo* (1975).

Em paralelo, ao longo do ano e de forma continuada, as equipes do MAM Rio vão se dedicar a completar o acervo documental da instituição, ao registrar o depoimento de artistas e pessoas que fizeram parte destas histórias, engajando-se em um processo de reflexão sobre o futuro do museu.

A exposição é patrocinada pelo Instituto Cultural Vale, Ternium, Mattos Filho Advogados, BMA Advogados,

Redecard, Sergio Bermudes Advogados, Gávea Investimentos, Eneva e Granado por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura. A mostra conta ainda com apoio institucional da Canson e da Arte Lab.

SERVIÇO

Exposição Museu-escola-cidade:

o MAM Rio em cinco perspectivas

Até 3 de dezembro

MAM Rio – Av. Infante Dom Henrique, 85, Aterro do Flamengo,
Rio de Janeiro / RJ – Tel.: (21) 3883-5600

<https://www.mam.rio/> | Instagram: [@mam.rio](https://www.instagram.com/mam.rio)

Horários: De quarta a domingo (incluindo feriados),
das 10h às 18h

Aos domingos, das 10h às 11h, visitação exclusiva para
pessoas com deficiência intelectual

Ingressos: Contribuição sugerida,
com opção de acesso gratuito

Valores sugeridos: Adultos: R\$ 20

Crianças, estudantes e +60: R\$ 10

Ingressos on-line: www.mam.rio/ingressos

A scenic view of a park in Amsterdam, featuring a large tree, a pond, and people sitting on the grass. The image captures a peaceful moment in a lush green park. A large, leafless tree stands prominently on the right side, its branches reaching across the sky. In the foreground, a calm pond reflects the surrounding greenery and the sky. On the left side of the pond, a group of people is sitting on the grass, and a yellow bicycle is parked nearby. The background is filled with various trees, some with fresh green leaves and others with pink blossoms. The overall atmosphere is serene and inviting.

AMSTERDAM, DO OUTRO LADO DOS CANAIS

Voldeipark



Partindo do Centrum, apenas três paradas de tram separam os endereços famosos do Oud Zuid, um bairro antigo com ar de vilarejo no coração de Amsterdam, cercado de verde e igualmente repleto de atrações para os turistas

Texto e fotos: Antonella Kann

www.antonellakann.com

antonellak1954@gmail.com

Deliciosamente afastado das áreas turísticas superlotadas por excelência, o antigo bairro de *Oud Zuid* é um oásis de tranquilidade localizado a apenas três paradas de *tram* (ou quinze minutos a pé) dos badalados canais em torno da *Prinsengracht* e dos famosos museus Stedelijk, Rijkmuseum e Van Gogh. Composto por pouco mais de uma dúzia de pequenas quadras emolduradas por construções seculares e ruas estreitas, o epicentro do “Velho Sul” se entrelaça discretamente entre o bucólico canal Amstel e o Vondelpark, o espaço verde mais concorrido de Amsterdam.

A aura de todo o bairro é imbuída de uma fleuma inabalável, onde o corre-corre e o estresse parecem não fazer parte do vocabulário nem da rotina de seus moradores. A qualquer hora, é comum ver as pessoas

conversando com amigos e vizinhos defronte às suas casas, crianças brincando ou andando de bicicleta nas calçadas, e, nos dias bonitos, não falta gente ao ar livre, relaxada nos bancos das inúmeras pracinhas, ou em mesinhas do lado de fora de estabelecimentos como restaurantes ou padarias. Nas ruas, onde a maioria se desloca a pé ou pedalando, o sorriso sai espontâneo e aleatoriamente. É como se o Oud Zuid fosse um vilarejo à moda antiga, onde todo mundo se conhece, se cumprimenta e acaba trocando um dedo de prosa até mesmo com desconhecidos. Essas atitudes, tão raras hoje em dia em qualquer cidade grande, surpreendem e encantam os visitantes, que se deixam contagiar de imediato pela atmosfera descontraída que contrasta bastante com a dos outros bairros no restante de Amsterdam.



Além das características inerentes às pessoas que moram ou transitam pelo Oud Zuid, descobrimos outros atrativos exclusivos deste micro universo: em quase toda esquina, você se depara com o *crème de la crème* do charmoso comércio de antigamente, seja uma chocolateria artesanal, uma padaria, uma delicatessen, um antiquário, uma livraria, uma vinoteca, um salão de beleza, uma quitanda com produtos requintados, uma sorveteria ou até mesmo supermercados – tudo em proporções reduzidas, condizentes com o tamanho do bairro. Ao longo das ruas mais “movimentadas”, como Willemsparkweg, Cornelis Schuystraat, Hendrik Jacobstraat e Emmastraat – todas pontos de parada do tram nº 2 que vem da Central Station em direção a Nieuw Sloten – o comércio é intensificado, e é lá que se concentram várias pequenas boutiques multimarcas, sapatarias, joalherias, e até *mini day spas*.



É também em torno desses endereços que se encontra a maioria dos restaurantes e bares. Por causa deles, grande parte das calçadas é ornamentada com flores e vasos de plantas, além de *ombrellones* para proteger (do sol ou de uma chuva repentina) as mesas dispostas *al fresco*. Em toda essa redondeza e desde as primeiras horas da manhã, flutua um público eclético e alegre, que aparece para tomar seu *caffelatte* e um croissant antes de ir para o trabalho ou levar os filhos para a escola, comer um sanduíche na hora do almoço, saborear um pedaço de torta no meio da tarde, ou no *happy hour*, compartilhar com os amigos uma rodada de chope gelado e um prato de croquetes com batatas fritas, ícones insubstituíveis do cardápio holandês.



Feira orgânica farmers' market

E, falando em comida, tome nota: aos sábados, vá até a pracinha da Jacob Obrechstraat para circular em volta das barracas no *farmers' market*, uma feira orgânica que vende de queijos a cogumelos selvagens. Se quiser, também pode degustar *in loco*, numa mesa comunitária, alguns produtos artesanais como frios ou salsichas, acompanhados de um bom copo de vinho.

Contudo, ninguém pode se gabar de ter vivenciado todas as regalias do bairro se não passar algumas horas perambulando no Vondelpark, a maior área verde da cidade e que fica literalmente a alguns passos ou pedaladas da casa de qualquer morador do Oud Zuid. O parque, com seus magníficos laguinhos e imensos gramados, é alinhavado por cinco quilômetros de pista asfaltada para uso exclusivo de pedestres, ciclistas e esportistas. É nesse espaço



Voldelpark

florido e arborizado que é possível conhecer de perto o autêntico jeito local de viver dos cidadãos de Amsterdam – como um todo.

Os habituês, oriundos de todos os portões que dão acesso ao parque, costumam andar de bicicleta, patins ou skate, correr, caminhar e praticar todo tipo de atividades físicas ao ar livre. Nos finais de semana, é de praxe ver famílias inteiras fazendo piqueniques ou comemorando alguma data festiva. Há inúmeras áreas de lazer, além de brinquedos e espaços dedicados às crianças, que lá podem correr soltas, assim como os cães. Patos e gansos selvagens também transformaram alguns recantos do parque em seu *habitat*. Repare que mesmo não sendo todos os frequentadores do Vondel-

park da mesma espécie, humanos e animais convivem em perfeita harmonia naquele ambiente – um nítido reflexo da cultura holandesa.

IJSBOUTIQUE, SORVETES PREMIADOS DE TODOS OS TAMANHOS

Aninhada numa das praças mais movimentadas do bairro, essa irresistível boutique de sorvetes só funciona como sorveteria de março a novembro. Eclética, no inverno se converte e vende roupas ou joias. Mas, nos meses de verão, peça um cappuccino e seja brindado com um inusitado arranjo: uma mini casquinha de sorvete de café acoplada à xícara. É apenas uma tentação para experimentar alguns dos outros sabores da Ijsboutique, que há três anos vem ganhando o concurso como a melhor sorveteria da Holanda.

Cornelis Schuytplein – www.ijsboutique.nl



O CROISSANT NOSSO DE CADA DIA

Brunch, almoço ou café da manhã, não importa. Mas, de preferência, tente chegar antes das dez e meia da manhã para garantir pelo menos um croissant, daqueles suculentos e crocantes cuja textura derrete na boca. No Le Pain Quotidien, o ambiente é descontraído e em dias de sol toda a clientela se amontoa nas mesinhas

do lado de fora. Além de desfrutar excelentes combinações de pães caseiros, saladas, ovos preparados de várias maneiras, frutas frescas com granola e iogurte e gigantescos *caffelatte* servidos em *bowls* à moda *paysanne*, essa padaria é uma excelente opção para relaxar a qualquer momento do dia.

Johannes Verhuiststraat, 104



CASHMERE PARA TODOS OS GOSTOS

A pequena loja é discreta, mas a decoração da vitrine chama logo a atenção. A maioria do vestuário é confeccionado em malha de excelente qualidade, e muitos modelos são mesclados com cashmere. Casacos, suéteres, cachecóis, vestidos, calças e camisões estão entre as peças mais atraentes. O estilo das roupas é sofisticado e o preço compatível com boas grifes. Vale conferir, se você prefere um design exclusivo às marcas mais conhecidas.

Repeat Cashmere – Cornelis Schuytstraat, 31

CONSERVATORIUM HOTEL



O Conservatorium Hotel marca presença na fronteira do bairro de Oud Zuid, mas também fica a poucos passos da agitação do Museumplein, área que passou por uma reestruturação e se transformou no centro cultural mais frequentado de Amsterdam. Essa imponente construção neogótica, emoldurada pelo museu Stedelijk, data do início do século 19 e outrora já abrigou um banco e em seguida um conservatório de música. Há três anos, após uma ousada repaginação interna, abriu as portas como um dos cinco estrelas mais sofisticados da cidade. São 129 acomodações de altíssimo luxo, nas quais simplicidade, requinte e conforto se mesclam com tecnologia de última geração. Spa, brasserie, galeria de butikues de grife e amplos espaços internos compõem o universo desse hotel. Além disso, ninguém deve fazer o *check out* sem antes passar por uma inesquecível experiência gastronômica no seu restaurante Tunes. Van Baerlestraat, 27 / diárias a partir de 345 euros www.conservatoriumhotel.com

VONDELPARK

Faça chuva ou faça sol, o Vondelpark – cujo nome é em homenagem a um importante dramaturgo holandês do século 17 – atrai diariamente um público fiel, que o percorre a pé, de skate ou de bicicleta. A localização do parque é ideal, graças aos inúmeros portões que desembocam próximos a várias atrações, como o Rijksmuseum, o centro da cidade e, claro, em pontos estratégicos do bairro de Oud Zuid. Além dos espaços verdes espalhados dentro de oito hectares, há restaurantes e áreas apropriadas para crianças... e cachorros. O Vondel se tornou o reduto de lazer favorito dos cidadãos de Amsterdam desde a sua inauguração em 1865. Basta achar um cantinho exclusivo em volta dos pequenos lagos, ou debaixo das árvores que ornamentam os imensos gramados para relaxar ao ar livre e ficar em contato com a natureza. O mais conhecido parque da Holanda recebe em torno de 10 milhões de adeptos por ano.



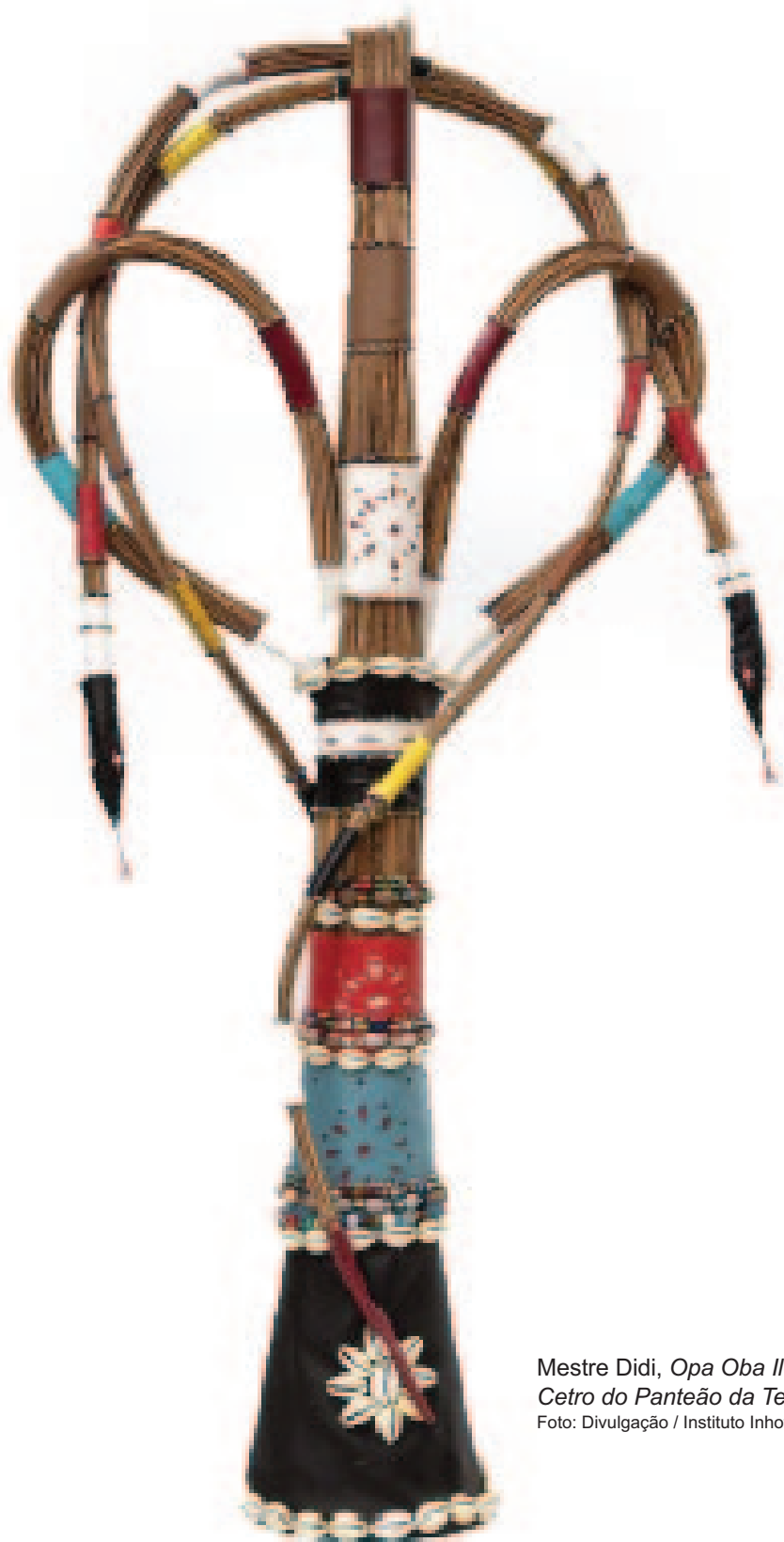
BISBILHOTANDO COISAS DO PASSADO

O que seria do velho se todos gostassem do novo? Pois é, aos caçadores de quinquilharias, o Wouter Sterk é um baú cheio de curiosidades e objetos interessantes. De mesinhas em madeira a miniaturas de cerâmica, este brechó, localizado numa esquina movimentada, abrange um pouco de tudo. Livros antigos, moedas, copos, pratos, joias, utensílios, faqueiros, e até cinzeiros fazem parte do arsenal colocado à venda. A mercadoria é exposta na calçada e no interior da loja, e os preços são extremamente acessíveis. Mesmo quem não tem nenhuma intenção de adquirir alguma coisa fica fisgado com o display e acaba bisbilhotando as prateleiras, por dentro e por fora. Hendrik Jacobszstraat, 8 / esquina com Valeriusstraat

AS MANSÕES A BEIRA DO AMSTEL

Um passeio a pé pela rua Jan Van Goyenkade é imperdível: ao mesmo tempo em que se pode admirar as casas mais sofisticadas do bairro de Oud Zuid, também é muito aprazível observar as embarcações típicas ancoradas de frente ao canal Amstel, que emoldura todo o cenário. Em dias ensolarados, muita gente utiliza os barcos para o lazer. E quem não navega aproveita o tempo bom para relaxar no gramado que se estira diante das casas, compartilhando o espaço com os gansos selvagens que disputam cada pedacinho da área.





INHOTIM EXPÕE OBRAS DE MESTRE DIDI E MÔNICA VENTURA

Como parte do programa artístico 2023, duas novas exposições no Instituto Inhotim. Ambas trazem questões da ancestralidade e da religiosidade de povos afro-indígenas

Mestre Didi, *Opa Oba Ile Ati ejo Meji*
Cetro do Panteão da Terra, década de 1980
Foto: Divulgação / Instituto Inhotim



Mônica Ventura, *A noite suspensa ou o que posso aprender com o silêncio*

Foto: Ícaro Moreno

O Instituto Inhotim inaugura mais duas exposições temporárias na Galeria Praça. **Mestre Didi – os iniciados no mistério não morrem**, com curadoria de Igor Simões, curador convidado, e da equipe curatorial do Inhotim, e **A noite suspensa ou o que posso aprender com o silêncio**, de Mônica Ventura. As exposições contam com o Patrocínio Master da Shell por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura.

QUEM OBSERVA QUEM?

A noite suspensa ou o que posso aprender com o silêncio foi comissionada pelo Inhotim para ocupar o vão

central da Galeria Praça, umas das mais visitadas no museu e jardim botânico. A obra se destaca, à primeira vista, por sua escala: são aproximadamente 4 metros de altura e 9 metros de largura. Mônica Ventura (São Paulo, 1985) traz uma proposta de olhar o entorno e a potência local, fazendo uso da terra da região na construção da obra: a parede, o leito e a escultura são feitas com ela. “‘A noite suspensa ou o que posso aprender com o silêncio’ apresenta uma escala que não é humana e, ao mesmo tempo, que não é arquitetura, mas nos confronta. A proposta é contemplar essa instalação que nos olha. Quem observa quem?”, questiona a artista.

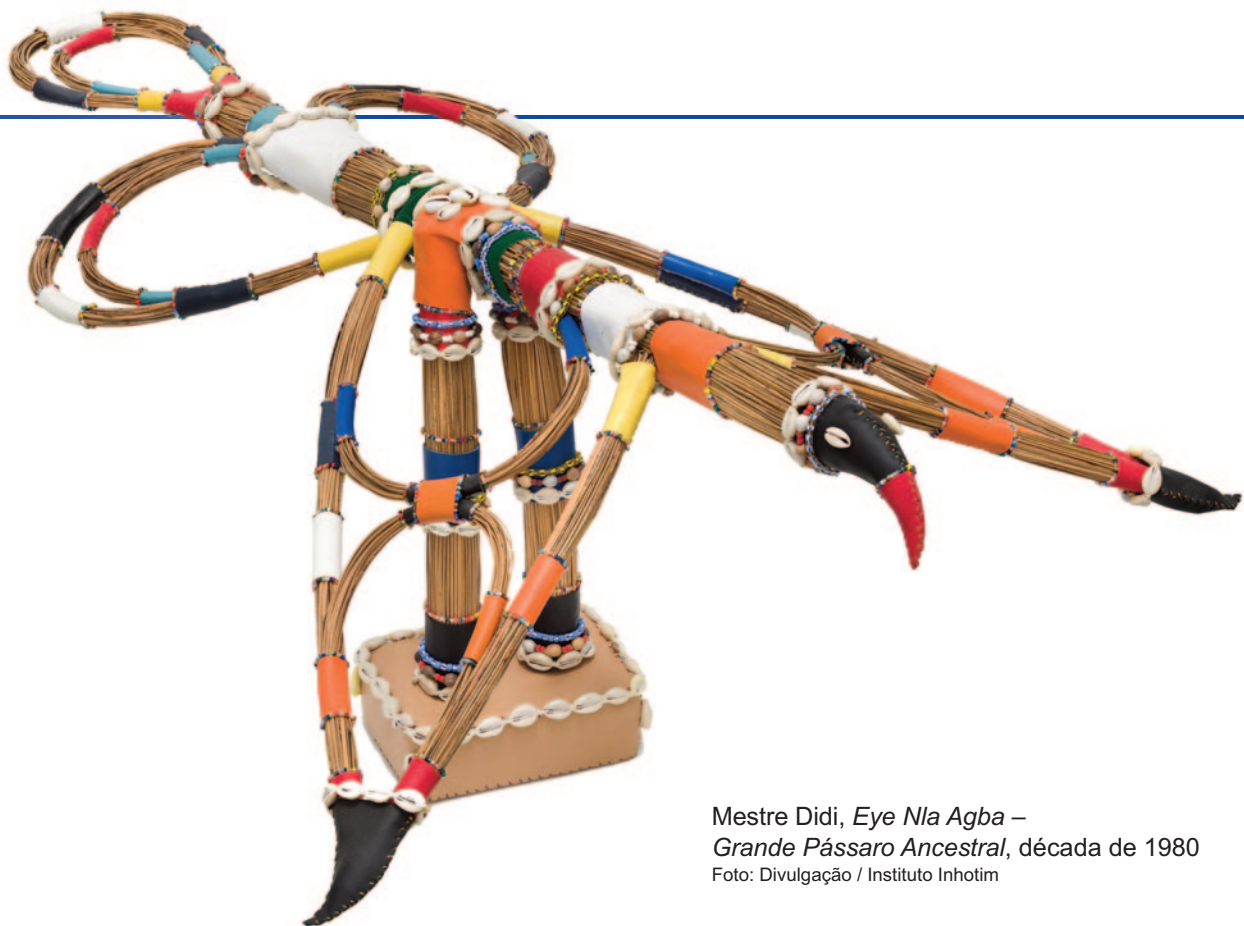
Nesse trabalho, Mônica Ventura faz alusão a diferentes práticas religiosas de matrizes ancestrais, e o público é convidado a desvendar as camadas da instalação, cuja forma se associa aos zangbetos – espíritos ancestrais cultuados em algumas religiões no Golfo do Benim, responsáveis pela proteção e afastamento de males – e também aos praiás – elementos fundamentais da cosmologia Pankararu, povo originário brasileiro cujo território tradicional se encontra próximo ao rio São Francisco. Para os Pankararu, os praiás marcam a presença dos Encantados, entidades vivas ligadas diretamente ao plano espiritual. Ambos são manifestados por meio da dança e do uso de um tipo de máscara de corpo inteiro feita em palha. Nos dois casos, quem ocupa aquele corpo persiste como incógnita; ele observa, mas não pode ser observado.

Como um invólucro feito de palha, a instalação possui uma abóbada de cor azul e a sua base de terra afixada no chão se assemelha a uma Yoni, forma que remete ao feminino e cujo significado do termo, em sânscrito, refere-se às noções de “passagem divina” ou “fonte de vida”. Já a escultura em si remete a Lingam, símbolo fálico que alude ao masculino. A combinação entre as duas formas, se vista de cima, faz referência a Shiva Lingam, a síntese das energias do universo. “A parte central da Galeria Praça é um espaço extremamente desafiador para se trabalhar. Ele não é um cubo branco, mas também não é uma área ao ar livre. E Mônica buscou uma composição que articula e mobiliza tanto o espaço arquitetônico, quanto o jardim ao redor”, explica Lucas Menezes, curador assistente do Instituto Inhotim.

Mônica Ventura, *A noite suspensa ou o que posso aprender com o silêncio*

Foto: Ícaro Moreno





Mestre Didi, *Eye Nla Agba* –
Grande Pássaro Ancestral, década de 1980
Foto: Divulgação / Instituto Inhotim

CULTO AOS ANCESTRAIS

Na mostra *Mestre Didi – os iniciados no mistério não morrem*, 30 obras do artista levam os visitantes ao universo múltiplo de Deoscóredes Maximiliano dos Santos (1917-2013), Mestre Didi. Todos os trabalhos foram feitos em consonância com a sua atividade de liderança religiosa no Candomblé e fazem parte da Coleção do Instituto Inhotim. Seu título, de acordo com o curador convidado Igor Simões, é um trecho de uma cantiga entoada durante as cerimônias fúnebres de um Ojé, sacerdote da tradição Egungun. As obras expostas são feitas, em geral, de fibras do dendezeiro, búzios, contas, sementes e tiras de couro, com a presença de símbolos que remetem às tradições iorubá.

“Como parte de sua programação, o Instituto Inhotim tem exibido suas recentes aquisições, com foco na produção de autoria negra. As obras do Mestre Didi presentes na mostra ratificam a missão da instituição de compartilhar essa produção com o grande público, sempre em diálogo com as discussões presentes no campo da arte”, diz o curador assistente do Inhotim, Deri Andrade.

A exposição convida o público a conhecer outras dimensões de Mestre Didi, sobretudo para a cultura brasileira. Além de sua atuação no campo cultural, o artista foi sacerdote supremo – também conhecido como Alápini – do culto aos ancestrais Egungun, tendo

fundado em Salvador, em 1980, a Sociedade Religiosa e Cultural Ilê Asipá. Na mostra, todas as vivências da trajetória de Mestre Didi – a intelectualidade, a espiritualidade e o sagrado – estão registradas, além das esculturas, a partir do acervo da Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil (SECNEB), e uma série de documentos e imagens cedidos gentilmente pela cantora e bailarina Inacyra Falcão, uma das filhas de Mestre Didi. Outro aspecto abordado na mostra é a presença feminina na trajetória do artista.

“Os mistérios do Mestre Didi partem das peças e se estendem para suas várias existências como Alápiní, escritor, tradutor, educador, intelectual e sua presença indissociável na manutenção dos saberes que uniram as águas do Atlântico na experiência afro-diaspórica, que extrapola os limites do país e se expande para um domínio que vai além do territorial”, complementa o curador Igor Simões. *Mestre Didi – os iniciados no mistério não morrem* apresenta também alguns trabalhos que se relacionam com a obra de artistas como Rubem Valentim e Ayrson Heráclito, com a videoarte Ijó Mimó (2019), além de comissionamentos do Ilê Asipá, que esteve em diálogo com a curadoria desde o início da pesquisa ocorrida em viagens a Salvador.

SERVIÇO

Exposições *A noite suspensa ou o que posso aprender com o silêncio*, Mônica Ventura

Mestre Didi – os iniciados no mistério não morrem
Galeria Praça (G3), Instituto Inhotim

INFORMAÇÕES GERAIS

Horários de visitação: de quarta a sexta-feira, das 9h30 às 16h30, e aos sábados, domingos e feriados, das 9h30 às 17h30

Entrada: R\$ 50,00 inteira (meia-entrada válida para estudantes identificados, maiores de 60 anos e parceiros) Gratuito para crianças de até 5 anos

Localização: Inhotim está localizado no município de Brumadinho, a 60 km de Belo Horizonte (aproximadamente 1h15 de viagem). Acesso pelo km 500 da BR 381 – sentido BH/SP. Também é possível chegar pela BR-040 – sentido BH/Rio, na altura da entrada para o Retiro do Chalé (aproximadamente 1h30 de viagem)
Opções de transporte regular:

TRANSFER – a Belvitur, agência oficial de turismo e eventos do Inhotim, oferece transporte aos sábados, domingos e feriados, partindo do hotel Holiday Inn Belo Horizonte Savassi (Rua Professor Moraes, 600, Funcionários, Belo Horizonte). É preciso comparecer 15 minutos antes para o procedimento de embarque e conferência do voucher. ÔNIBUS SARITUR – saída da Rodoviária de Belo Horizonte de terça a domingo, às 8h15 e retorno às 16h30 durante a semana e às 17h30 aos fins de semana e feriados. R\$ 51,75 (ida), R\$ 46,05 (volta), R\$ 97,80 (ida e volta).



Mestre Didi,
Eye Inla Lya – Grande Pássaro Ancestral,
década de 1980
Foto: Divulgação / Instituto Inhotim



Newton Rezende, *Praça XV*, 1976

Foto: Divulgação

NAVEGAR É PRECISO – PAISAGENS FLUMINENSES

Mostra na Casa França-Brasil, RJ,

traça um amplo panorama da riqueza cultural
do estado do Rio de Janeiro para além da capital



Baptista da Costa, *Paisagem com o rio Piabanha - Petrópolis*
Foto: Jaime Acioli

A exposição *“Navegar é Preciso – paisagens fluminenses”* ocupa as salas do histórico prédio da Casa França-Brasil, no coração do centro da cidade do Rio de Janeiro até 9 de julho. Com curadoria de Marcus de Lontra Costa e Rafael Fortes Peixoto, reúne mais de 70 obras de 35 artistas que nasceram em cidades do Estado do Rio de Janeiro, ou que tenham escolhido esses municípios como ambiente para o desenvolvimento de suas pesquisas.

A proposta da exposição é traçar um amplo panorama da riqueza cultural desse estado para além da capital. O título escolhido faz citação à frase que remete aos últimos anos do Império Romano, no século I a.C. e que foi imortalizada no imaginário coletivo pelo poeta português Fernando Pessoa para propor um olhar amplo para a importância do Estado do Rio de Janeiro como centro de produção artística e cultural no Brasil.



Luiz Áquila, *Sem título*, 1986

Foto: Divulgação

“Por ser capital do Império e da República durante muitos anos, o Rio sempre recebeu pessoas de diversos lugares do mundo, com diferentes vontades, comportamentos, culturas e histórias. Todas essas influências, construíram uma espécie de cosmopolitismo carioca que se ramificou por todo o estado, gerando fluxos culturais de grande importância”, aponta o curador Rafael Fortes Peixoto.

O eclético grupo reunido para a mostra comprova a riqueza artística enfatizada pela curadoria. Além da produção recente de alguns artistas, a mostra também dedica uma atenção especial à história da paisagem do Rio de Janeiro, trazendo pinturas icônicas de

Antonio Parreiras, Georg Grimm, Batista da Costa, Francisco Coculilo, Di Cavalcanti, Carlos Scliar e Newton Rezende, criando um contexto cronológico e estético para a exposição.

Entre pinturas, esculturas, instalações e vídeos a exposição apresenta obras de Abelardo Zaluar; Alvaro Seixas; Andréa Facchini; Bob Cardim; Chico Tabibuia, Cipriano, Daniel Lannes; Deneir; Edmilson Nunes; Francisco Coculilo, Gonçalo Ivo; Jarbas Lopes, João Carlos Galvão, Jarbas Lopes, Jorge Duarte; Lúcia Laguna; Luiz Aquila; Luiz Badia; Marcos Cardoso; Nelson Felix; Osvaldo Carvalho; Paiva Brasil; Pedro Varela, Rafael Alonso; Rafael Vicente; Raimundo Rodriguez; Raquel Saliba; Robson Macedo; Rodrigo Pedrosa e Wilson Piran.

Além disso, a ideia de paisagens fluminenses, que incorpora o gentílico comum a todos nascidos no Estado do Rio, refere-se aos vários afluentes que desembocam na capital trazendo suas influências e produções, como destaca o curador Marcus Lontra “A paisagem fluminense é o cenário primordial na

história da arte brasileira. Capital e interior do estado refletiram ao longo da história todas as vertentes estéticas da nossa produção artística, a força e a qualidade da arte brasileira”.

“Navegar é Preciso – paisagens fluminenses” é a primeira de três exposições que acontecem na Casa França-Brasil em 2023. Contemplada na chamada do programa *Petrobras Cultural Múltiplas Expressões*, conta com o apoio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado do Rio de Janeiro, através da Lei de Incentivo à Cultura.

SERVIÇO

Exposição Navegar é preciso – paisagens fluminenses

Até 9 de julho

Casa França-Brasil

R. Visc. de Itaboraí, 78, Centro, Rio de Janeiro / RJ,

Tel.: (21) 2216-8506

Horário de funcionamento: terça a sábado, das 10h às 17h

Atendimento Exclusivo para pessoas com deficiência

intelectual e mental: quartas-feiras de 10h às 11h

<http://casafrancabrasil.rj.gov.br/navegar-e-preciso-paisagens-fluminenses/>



Antonio Parreiras,
Sertanejos,
1916

Foto: Jaime Acioli

te extraño, cariño

Exposição de
Ana Kemper
no Parque das
Ruínas, RJ,
propõe
reflexões
sobre o ciclo
da vida

Ao investigar plantas como *espécies companheiras*, a artista poetiza essa relação nas espécies vegetais que retrata. *Te extraño, cariño* é resultado da pesquisa que Ana Kemper iniciou em 2019, a partir da observação diária do comportamento de plantas em sua casa; em 2020 e 2021 – durante o período de isolamento por conta da pandemia – essa relação com a transformação das plantas tornou-se mais íntima e intensa.

Na mostra, imagens da série de fotoperformance *enxertia* somam-se à videoinstalação *embaúba*, à sonora *floresta fônica* e à série fotográfica composta por 30 imagens do livro de artista homônimo à exposição auto-publicado em 2021. O conjunto, no espaço expositivo, envolve o visitante num misto de admiração e surpresa.



Em *floresta fônica*, por exemplo, Kemper “*planta vozes na galeria*”: a artista utiliza os nomes das plantas de sua floresta doméstica – que compõem os poemas do livro “*te extraño, cariño 1*” – com as vozes das pessoas que leem os poemas escritos por ela para cada uma das espécies. “*São vozes humanas colhidas na minha floresta afetiva*”, diz Kamper. Ela explica que sorteou aleatoriamente o nome da planta e o nome da pessoa que iria emprestar voz a ela. Os poemas falam das experiências da artista com cada uma das espécies: o beber o chá, fazer massagem com o óleo, inalar o vapor, sentir a planta plantada, olhar a imagem...

“*Kemper se espelha naquilo que registra para entender o que é estar nesse mundo. Acredita, como os povos originários, na integração entre humano e natureza: somos a terra, os rios que nela correm e a chuva que cai sobre ela, os vegetais que crescem em sua superfície e as raízes que se emaranham em suas entranhas, os animais e os espíritos que a povoam. Sabedorias esquecidas nas agressivas e sucessivas imposições culturais a que estamos submetidos*”, diz Marcia Mello, em seu texto curatorial.

A curadora resalta ainda que “*um dos focos de interesse de Ana Kemper é o ciclo da vida e suas reflexões (que) se materializam simbolicamente nas espécies vegetais que retrata. O convívio com as plantas que coleciona em pequenos vasos é essencial na construção de sua obra, uma lida diária que envolve visão, olfato, paladar, audição, tato, num exercício sinestésico que resulta em sons, formas e palavras reunidas em sintonia com os ventos.*”

Ana Kemper, *enxertia*

A exposição *te extraño, cariño* conta com a produção de Mauro Saraiva (Tisara Arte Produções) e Suzy Muniz, e o apoio da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e da Secretaria Municipal de Cultura.

A ARTISTA

Ana Kemper é artista e pesquisadora interdisciplinar. Atua na intersecção entre a escrita, a fotografia, as artes visuais e a performance. Ainda é médica acupunturista e fitoterapeuta, e mestre em artes da cena pelo PPGAC–ECO–UFRJ. Desde 2011, participa de exposições, residências e festivais de performance no Brasil.

“*Te extraño, cariño*” é a segunda exposição individual da artista, desdobramento do livro homônimo que Kemper autopublicou em 2022, resultante de sua pesquisa de mestrado, onde investigou as plantas como espécies companheiras e a pesquisa em arte como prática de cuidado, curiosidade e cura.

Instagram: [@anakemper](https://www.instagram.com/anakemper) | [@te- extrano carino ana kemper](https://www.instagram.com/te-extrano-carino-ana-kemper)

A CURADORA

Marcia Mello é bacharel em Letras pela UFRJ, pesquisadora, curadora e conservadora de fotografia. Foi curadora do Departamento de Fotografia do MAM (RJ), entre 1988 e 1997. Entre 2006 e 2015 foi diretora-curadora da Galeria Tempo (RJ), período em que organizou inúmeras exposições, e participou como expositora das feiras SP/ARTE e ART/RIO. Entre suas atividades mais recentes, destacam-se curadorias e pesquisas com fotógrafos e artistas como Miguel Rio Branco, Alair Gomes, Evandro Teixeira, Renan Cepeda, entre outros.

SERVIÇO

Exposição *te extraño, cariño* – Ana Kemper

Até 23 de julho

Galeria Principal do Parque das Ruínas

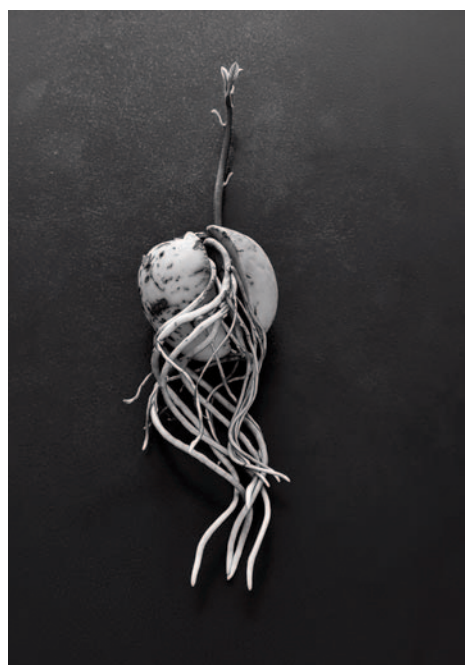
Rua Murinho Nobre, 169, Santa Teresa, Rio de Janeiro / RJ

Visitação: Terça a domingo das 9h às 16h

Entrada gratuita



Ana Kemper,
*colher
de prata*



Ana Kemper,
abacate

COLEÇÃO DE ARTE BORDALLO PINHEIRO

Diálogo entre artistas contemporâneos e o universo bordalliano



Marcos Chaves, *As paredes tem ouvidos*

Foto: Divulgação

Exposição no Instituto Camões, Brasília, apresenta obras em cerâmica de artistas brasileiros e portugueses, numa releitura do legado artístico de Rafael Bordallo Pinheiro



Joana Vasconcelos,
Surf, sardinhas e rãs
Foto: Divulgação

A exposição *Coleção de Arte Bordallo Pinheiro – Diálogo entre artistas contemporâneos e o universo bordalliano* reúne o trabalho de 15 nomes de destaque da arte nos dois países e ficará aberta de 13 a 30 de junho, com entrada franca. A mostra é resultado do convívio dos artistas com as técnicas de fabricação do mestre, durante uma temporada de 10 dias na fábrica Bordallo Pinheiro em Caldas da Rainha, na região central de Portugal, convite realizado pela curadoria do projeto e pela diretoria da fábrica.

O efeito da experiência culminou na criação de uma coleção única, inspirada nos trabalhos de Bordallo, com tiragem limitada a 250 exemplares, que poderão ser adquiridos e cujos detalhes estarão acessíveis através de um QR Code fixado à entrada do espaço expositivo.

Raphael Bordallo Pinheiro é uma das personalidades mais relevantes da cultura portuguesa do século XIX, com uma produção notável nas áreas do desenho humorístico, da caricatura e da criação cerâmica. O conjunto de sua obra tem grande atualidade, sendo documento para o estudo político, social, cultural e ideológico de uma época. Foi esse perfil único que possibilitou a criação de um projeto.

Coleção de Arte Bordallo Pinheiro – Diálogo entre artistas contemporâneos e o universo bordalliano reúne os trabalhos dos brasileiros Barrão, Maria Lynch, Marcos Chaves, Regina Silveira, Adriana Barreto, Tiago Carneiro da Cunha, Fábio Carvalho, Laércio Redondo, Antonio Carlos Auad, Angelo Venosa e Maria Bonomi e dos portugueses Bela Silva, Joana Vasconcelos e Cabrita Reis. O conjunto revela como esses artistas captaram a paixão, a criatividade, a consciência social, o humor e a transgressão de ideias difundidas nas peças de Bordallo, que são um patrimônio artístico e histórico da cultura portuguesa.

Entre as obras inspiradas no trabalho de Bordallo constam:

AS PAREDES TÊM OUVIDOS, de Marcos Chaves – *“Sempre pensei nesse provérbio popular como uma admissão de um pouco de paranoia, surreal, confundindo muros com pessoas, como se tudo o que dizemos fosse de interesse para todos os outros. Foi quando pensei que poderia ser distraído por outros assuntos, em vez dos nossos, e pensei nos auscultadores, um fac-símile ampliado da Maçã tão difundido no mundo contemporâneo. Reunindo dois objetos com desenhos feitos em tempos tão diferentes, cem anos entre eles,*

tive a oportunidade de prestar homenagem a dois gênios, Bordallo Pinheiro e Steve Jobs, além de criar um novo contexto, uma nova peça, com humor, que é também uma das marcas registadas de Bordallo”.

SURF, SARDINHAS E RÃS, de Joana Vasconcelos –

Um centro de mesa composto por pequenas rãs verdes e sardinhas de cor natural. Esta peça concebida a partir dos moldes originais desenhados por Rafael Bordallo Pinheiro combina e respeita a espontaneidade e a delicadeza, tão características da obra do autor.

TERRINA NOÉ, de Barrão –

Em continuidade com a poética de apropriação dos objetos de Barrão, destacando-os dos seus contextos e usos originais e dando-lhes um novo significado, chegamos a *Terrina Noé*. Uma composição naturalista, baseada no universo cerâmico de Raphael Bordallo Pinheiro.

NATURA, de Pedro Cabrita Reis – Centro de mesa.



Pedro Cabrita Reis,
Natura
Foto: Divulgação

ASSOMBRADA, de Regina Silveira – “*Optei pela silhueta da minha mão, como uma espécie de marca e sombra de mim mesma, em associação com as inconfundíveis rãs de Bordallo, sua marca favorita. Com elas amontoadas na minha mão, numa pilha alta e precária, e ainda cobertas virtualmente por outra sombra negra, tentei criar – com as rãs e a mão – uma espécie de ideograma visual que ressignificasse a estranha junção na tampa da terrina.”*



Regina Silveira, *Assombrada*

Foto: Divulgação

GOSTO TANTO DE TI, de Bela Silva – “*Foi divertido pegar num sapo de aspecto estoico e, mudando a mão de posição e substituindo os seus longos pés por sapatos de salto alto, transformá-lo num sapo maroto pronto para o amor”.*

Bordallo Pinheiro,
Zé Povinho – Toma
Foto: Divulgação

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Raphael Bordallo Pinheiro (1846- 1905) nasceu em Lisboa, numa família de artistas. Frequentou a Escola de Artes Dramáticas, a Academia de Belas Artes e o Curso Superior de Artes, estabelecendo-se principalmente como jornalista, caricaturista e ceramista. Foi membro do círculo de intelectuais e artistas naturalistas que definiram a Geração dos anos 1870 e esteve próximo de personalidades dos mais diversos setores de influência na sociedade. Ciente do poder da imprensa, utilizou singularmente os seus desenhos humorísticos para retratar a política e a sociedade. As suas caricaturas são uma crítica devastadora às performances políticas, utilizando o humor como estratégia para lutar por uma sociedade mais livre e mais justa.

Bordallo criou o personagem **Zé-Povinho**, que se tornou uma espécie de símbolo do povo português, para a revista ilustrada *A Lanterna Mágica* em 12 de junho de 1875. Com conteúdo simbólico, usou o personagem para denunciar injustiças e, através dele, mostrou aos portugueses que o riso pode ser uma arma ou um remédio. Colaborou em vários jornais de Portugal e do Brasil, onde viveu de 1875 a 1879. Foi o fundador do jornal *O António Maria*, de humor político, que fazia uma crônica da sociedade portuguesa. Com a cerâmica, conquistou prêmios internacionais, tornando-se uma referência mundial na área.



O trabalho cerâmico de Raphael Bordallo Pinheiro começou com a fundação da Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha (1884). Desenhando a partir das origens naturalistas da cerâmica das Caldas da Rainha, Raphael Bordallo Pinheiro reinventou-a e atualizou-a, produzindo centenas de modelos com refinada qualidade técnica. Foi reconhecido em várias exposições internacionais, com especial destaque para o pavilhão português na Exposição Internacional de Paris (1889).

SERVIÇO

Exposição *Coleção de Arte Bordallo Pinheiro – Diálogo entre artistas contemporâneos e o universo bordalliano*

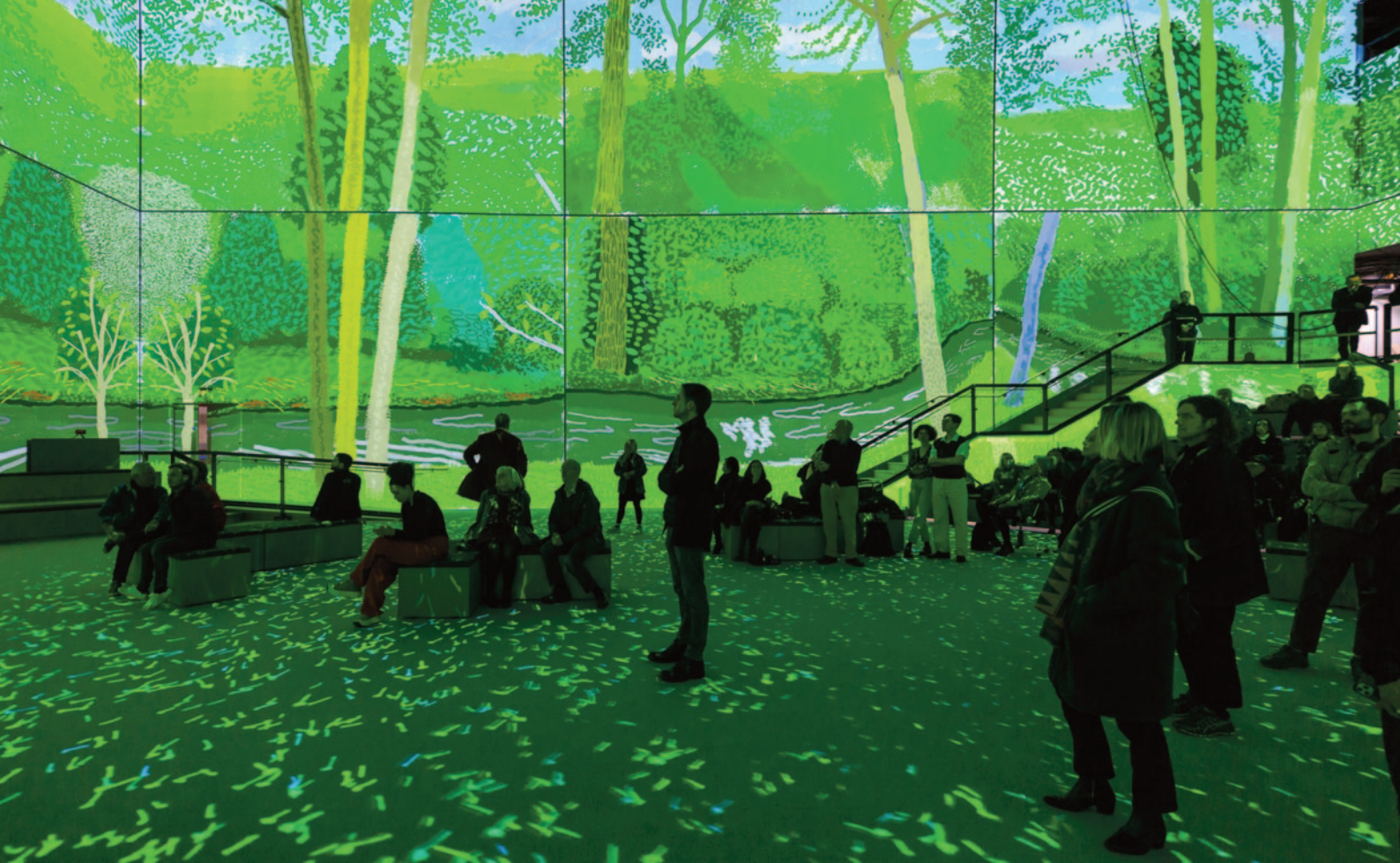
De 13 a 30 de junho

Instituto Camões – Embaixada de Portugal

SES – Av. das Nações, Quadra 801, Lote 2, Brasília / DF

Horários: de segunda a sexta-feira, das 12h às 17h

Entrada franca



TENHO QUE CONCORDAR COM DAVID!

Fotos: Justin Sutcliffe



Maria Hermínia Donato

A arte imersiva veio para ficar? Parece que sim. Existem hoje 24 experiências imersivas em Londres, cada vez mais populares nos setores da cultura e do entretenimento. Importante validar aqui o conceito atual de mostras imersivas, que levam ao público experiências intensas em ambientes polissensoriais, utilizando projeções simultâneas de vídeo, luzes, sons etc.

A arte imersiva existe desde os anos 1960/1970, com artistas como James Turrell, que passou a utilizar a luz e o espaço como integrantes de sua obra; Robert Irwin, que explorou a percepção na arte por meio de intervenções arquitetônicas específicas do local alterando a experiência sensorial do espaço; Robert Morris, com suas esculturas minimalistas que mudavam a percepção do espectador à medida que se movia em torno delas; Yvonne Rainer, coreógrafa e cineasta americana de vanguarda; e com o artista dinamarquês-Islandês Olafur Eliasson, que já nos anos 1990 empregava materiais como luz, água e temperatura do ar para aprimorar a experiência do espectador em suas instalações e esculturas, entre vários outros.

Agora, as novas tecnologias como realidade virtual, realidade aumentada, rastreamento de movimento somadas à reimaginação do trabalho de antigos artistas famosos contribuíram para o aumento da popularidade das exposições de arte imersivas. Há uma gama de opções acontecendo nesta cidade, com exposições de Klimt, Van Gogh e Kahlo, além do espaço digital perma-



Olafur Eliasson, *Beauty*, 1993

Foto: WikiArt

nente *Frameless*. Ver uma exposição desse tipo é uma experiência que coloca o espectador dentro do quadro ou do ambiente de um artista.

A arte imersiva é convidativa e inclusiva, atrai pessoas de todas as idades, uma dimensão que transporta o visitante no tempo e no espaço. As pinturas não são vistas

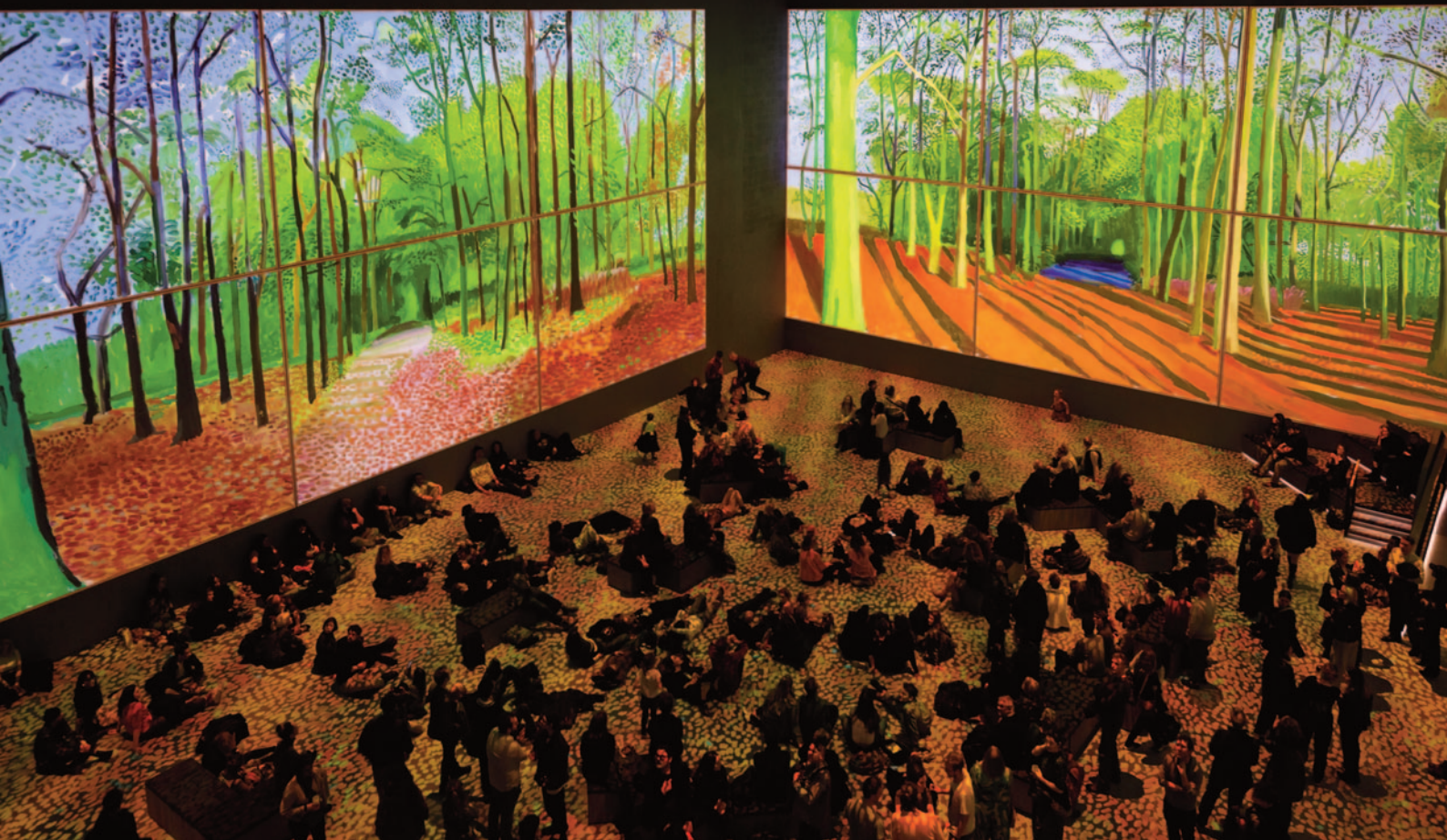
numa distância analítica e avaliadas em termos formais; o objetivo é fornecer sensação e alterar a consciência. A obra de arte desaparece na medida em que a pessoa “entra” na obra submersa por imagens que caem em cascata pelas paredes e chão. A mente não vê limites entre ideias e conceitos. Eles são inerentemente ambíguos e os limites são criados quando ideias e conceitos se materializam no mundo real; no domínio digital, a arte pode transcender os limites físicos e conceituais.

Os dois tipos de exposições, discursiva e imersiva, se diferenciam pelo seu posicionamento: uma no cére-

bro (discursiva) e a outra no corpo (imersiva); uma coloca as palavras na galeria (discursiva) enquanto a outra (imersiva) as remove. Como você pode estar imerso lendo a respeito do que está vendo? Com a imersão, o espectador perde o espaçamento entre o indivíduo e o objeto.

Os museus se tornaram mais corporativos, pressionados para diversificar suas coleções e expandir seu público. As obras de arte são vistas como ativos financeiros e edifícios com espaços de galeria arejados e abertos, exigem trabalhos de um certo tamanho e es-

Foto: Justin Sutcliffe



cala. Os museus estão sendo reconfigurados pela internet, condensados em um telefone celular, e tratam os visitantes como se fossem os “usuários” de um produto de consumo enfatizando a interatividade.



Foto: Maria Hermínia Donato

Várias organizações, instituições e galerias de arte criam arte imersiva, instagramáveis, entre as quais, apenas para citar algumas, *Culturespace*, *TeamLab*, *Pace Gallery-Superblue*, e na *École Polytechnique Fédérale de Lausanne*, no curso de curadoria digital, que pesquisa a fusão da arte imersiva com os museus.

No livro “*Welcome to the Experience Economy*”, B. Joseph Pine II e James H. Gilmore propõem que os serviços comerciais envolvam as pessoas “*em um nível emocional, físico, intelectual ou mesmo espiritual*”. Acoplando essa filosofia de negócios à arte, algumas das pinturas mais famosas do mundo fazem com que os visitantes estejam predispostos à admiração.

Antes da pandemia (minha referência para datas se divide em antes e depois do COVID) visitei as exposições imersivas multidisciplinares – *The Store x Vinyl Factory*, em parceria com a Galeria Lisson, *Team Lab* no Barbican, *Pace Gallery*, *Acute Art*, sempre curiosa para ver como os artistas contemporâneos estão usando as novas tecnologias. Confesso que quando me deparei com uma exposição imersiva do Culturespace, onde o barco de uma das pinturas navegava pelas paredes, me retirei do show indignada.

Quando você está diante da obra de um artista em um museu ou galeria existe um diálogo entre você e o artista. Ele está presente através de suas pinceladas, seus movimentos, suas cores. Um momento que traz emoções e é inesquecível.

Então avalio a minha postura crítica com as exposições imersivas de artistas famosos já falecidos, e elaboro vários questionamentos: a arte imersiva facilita o conhecimento das obras de famosos artistas mortos? Esse tipo de exposição contribui para a aproximação do público com a arte? Os museus tendem a desaparecer ou se transformar em grandes espaços de espetáculo



David Hockney

Foto: Justin Sutcliffe

imersivo? Porque os críticos detestam esse tipo de mostra e o público adora?

Essas e outras indagações me levaram ao Lightroom para ver a exposição *David Hockney: Bigger and Closer (not smaller & further away)* do pintor britânico, 85 anos, que ajudou a produzir, talvez, a única exposição imersiva de um artista famoso vivo.

Nos anos 80, Hockney se voltou para a tecnologia: usou câmeras polaroid para fazer retratos e paisagens que viajavam pelo tempo e pelo espaço, experimentou máquinas de fax e fotocopiadoras. Décadas depois, quando os iPads apareceram, Hockney os usou para fazer arte.

Nessa exposição, ele assume a forma do momento, o da "experiência multissensorial", imersiva, geralmente dedicada a um único artista. E o grande espaço do Lightroom tem imagens projetadas em cinco superfícies, onde a maioria das pessoas sentam em bancos retangulares ou deitam no chão para apreciar.

Na mostra, as obras de Hockney são reveladas num ciclo de seis capítulos temáticos, com uma partitura especialmente composta por Nico Muhly. O programa é resultado de três anos de estreita colaboração entre David Hockney e os criadores do Lightroom.

As telas gigantes de 270 a 360 graus mostram paisagens de Yorkshire Wolds e a floresta ao redor de sua casa atual na Normandia.

Em *“Looking Closely”* vemos Hockney folheando seus cadernos de desenho, exibindo a vasta produção de sua carreira. Outra sequência incrível é a que mostra Hockney

criando no iPad a sua casa e os jardins na Normandia, quase como se você estivesse assistindo ele pintar em tempo real.

“Hockney Paints the Stage” apresenta os muitos cenários teatrais criados ao longo de sua carreira. Aqui, todos os elementos são animados, dançando e acom-

David Hockney

Foto: Justin Sutcliffe

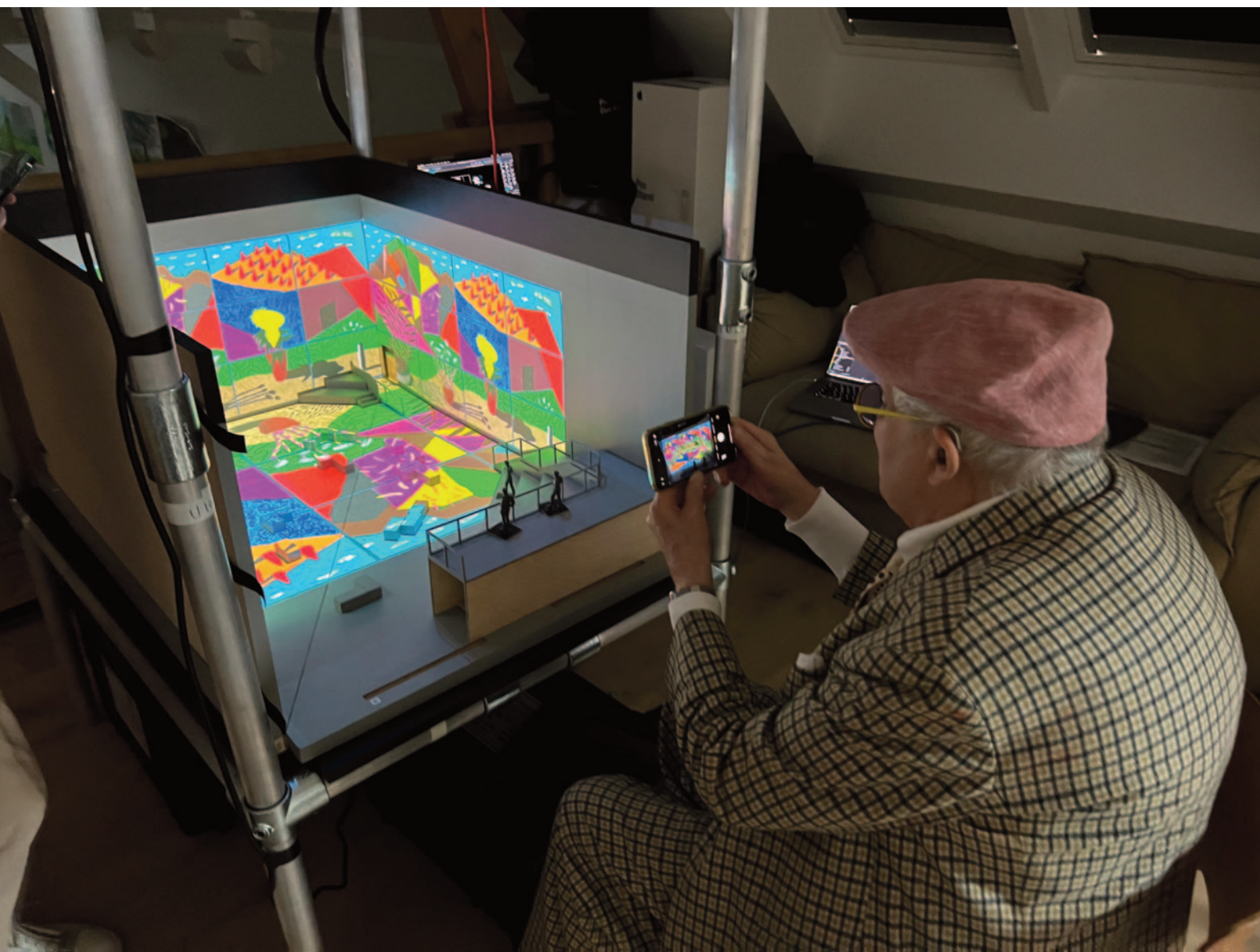




Foto: Justin Sutcliffe

panhados por trilhas sonoras, um dos momentos mais dinâmicos e envolventes do show.

Vale ressaltar a fala em que Hockney explica o processo e a ideia por trás de algumas de suas obras, como as colagens monumentais de Polaroid, décadas à frente de seu tempo, demonstrando perspectiva ou usando a fotografia como uma forma de desenhar com a câmera.

De Los Angeles a Yorkshire, ou o acompanhando das Montanhas San Gabriel até os dias atuais na Normandia, os 50 minutos passam quase despercebidos.

Questionado sobre comparações inevitáveis com exposições imersivas que reinterpretem Van Gogh e

Monet, Hockney responde: *“Eles estão apenas usando Van Gogh e Monet, que estão mortos. Eles não podem adicionar nada a isso”*. E brinca: *“Bem, eu ainda estou vivo, então posso fazer as coisas funcionarem melhor.”*

Tenho que concordar com David.

SERVIÇO

Exposição *David Hockney: Bigger & Closer (not smaller & further away)*

Até 1º de outubro

Lightroom

<https://lightroom.uk/whats-on/david-hockney/>



Fotos: Divulgação

“TRAMA CANOÊ”,
 uma vitrine contemporânea
 do artesanal ancestral amazonense, em São Paulo

O Museu A CASA do Objeto Brasileiro na capital paulista promove a exposição “Trama Canoê” até 10 de setembro, em parceria com o CRAB Sebrae, Centro Sebrae de Referência do Artesanato Brasileiro e Sebrae do Amazonas

Com curadoria assinada pela manauense Rozana Trilha, diretora-presidente da Associação Zagaia Amazônia, a *“Trama Canoê”* foi inspirada em dois ícones importantes da cultura amazonense: a trama e a canoa. A primeira dá origem a objetos indispensáveis no cotidiano do homem da floresta, como cestos, redes de pesca, tapetes, balaios, vasos – todos trançados, formando infinitos desenhos, com as matérias-primas da floresta. A canoa, por sua vez, é o principal veículo nos caminhos das águas formadas pelo encontro dos rios Negro e Solimões, nas proximidades de Manaus. Feita com apenas um tronco de árvore escavado, ela serve não só como meio de transporte de caboclos e povos indígenas para a busca de alimentos e comercialização dos produtos, mas também como meio de comunicação e de trabalho, através da caça e da pesca.



Foto: Divulgação



Foto: Divulgação

Idealizada para retratar aspectos importantes da cultura do Amazonas, a seleção reúne peças concebidas por artesãos da *Associação das Mulheres Indígenas do Alto Rio Negro (AMARN)*; da comunidade Indígena *Nova Esperança*; e dos municípios de Barcelos, São Gabriel da Cachoeira, Benjamin Constant, Maués, Rio Preto da Eva, Novo Airão e Careiro Castanho. *“Chegar ao Museu A Casa, vindo de longe, me dá a sensação de acolhimento. Sinto que nossa viagem não foi interrompida e que a nossa cultura foi expandida. Chegamos com os ‘guardiões da floresta’, em nossa canoa, com nossas tramas e nossa cultura ancestral. A Casa nos oferece novas perspectivas e uma nova vitrine para o artesanato amazônico. É extremamente importante ter acesso a um espaço que esteja no centro de um ecossistema que pensa, reflete e fomenta a produção artesanal”*, diz Rozana.

Para Ana Letícia Fialho, diretora executiva do A CASA, receber *“Trama Canoê”* no museu é mais um desdobramento das parcerias feitas com instituições que compartilham o propósito de valorizar saberes e fazeres artesanais, neste caso o CRAB e o Sebrae-AM. *“Sabemos também da importância de nos engajarmos na preservação e na valorização da região amazônica, não só por sua biodiversidade, mas pela dimensão sociocultural expressa na produção artesanal de diferentes comunidades ribeirinhas e indígenas apresentadas na exposição.”*

A iniciativa do *Museu A CASA do Objeto Brasileiro* tem como objetivo difundir novas perspectivas sobre a vida do homem da Amazônia e da floresta, e se posiciona no centro de um ecossistema que valoriza o saber e o fazer artesanal. A exposição faz parte de uma programação mais ampla, criada pela economista Renata Mellão em 1997, que visa valorizar a produção artesanal. Ao contribuir com a troca de experiências e saberes do fazer à mão, a mostra fortalece a política curatorial do Museu, que valoriza as expressões culturais que trazem impactos socioambientais relevantes e que respeitam os ciclos naturais, privilegiando a reutilização de materiais próprios de cada território.

MUSEU A CASA DO OBJETO BRASILEIRO

O Museu A CASA do Objeto Brasileiro é um espaço de referência do saber artesanal, criado para proteger, difundir e valorizar suas tradições e técnicas, e que busca atualizá-las no contexto da contemporaneidade, promovendo um constante diálogo entre o passado, presente e futuro desses saberes.

CRAB: REFERÊNCIA PARA O ARTESANATO

<https://crab.sebrae.com.br/>

Há 7 anos, o *Centro Sebrae de Referência do Artesanato Brasileiro (CRAB)* realiza atividades que reforçam sua missão de promover o artesanato nacional e contribuir para qualificar a imagem dos produtos feitos à mão. Realiza exposições e programas educativos e desenvolve, capta e dissemina conteúdos estratégicos sobre o segmento. Atualmente, abriga uma coleção de 1.700 itens de todos os tipos de artesanato, que expressam a cul-

tura popular e a criatividade do povo brasileiro. Por meio do projeto *Ocupações*, o CRAB recebe, desde 2021, mostras de diferentes estados, com peças únicas, selecionadas pela área de Artesanato dos Sebrae UFs.

SEBRAE AMAZONAS:

APOIO À CADEIA PRODUTIVA DO ARTESANATO

https://sebrae.com.br/sites/portalsebrae/ufs/am/quem_somos?coduf=4

Nos últimos nove anos, o Sebrae Amazonas tem atuado para dar mais visibilidade ao artesanato dos povos originários e ribeirinhos, desde a realização de oficinas para aprimorar as peças e desenvolver o negócio de cada artesão à promoção dos produtos junto ao mercado em feiras e eventos nacionais e internacionais.

SERVIÇO

Exposição *Trama Canoê*

Até 10 de setembro

Museu A CASA do Objeto Brasileiro

Av. Pedroso de Moraes, 1216, Pinheiros, São Paulo / SP

Tel.: 11 3814-9711

acasa@acasa.org.br | www.acasa.org.br

Horário: de terça a domingo, das 10h às 18h30

Entrada gratuita | Amigável aos animais



Foto: Divulgação



Foto: Divulgação

URUBUS, filme vencedor da Mostra de São Paulo, estreia nos cinemas dia 1º

*Produzido por Fernando Meirelles, com direção de Claudio Borrelli,
o longa exhibe o mundo real do pixo*

Urubus acompanha a história de Trinchas (Gustavo Garcez), jovem líder de um grupo de pichadores, que escala os edifícios mais altos da cidade para deixar sua marca. Quando ele conhece a estudante de arte Valéria (Bella Camero, de "Marighella"), seus diferentes modos de vida entram em choque e disso resulta a invasão da 28ª Bienal de São Paulo. Além de Gustavo Garcez e Bella Camero, estão no elenco os pichadores Bruno Santaella, Júlio Martins, Roberto Orlando e Matias Antônio.

"Um dos compromissos do filme é retratar como é o mundo do pixo, e não poderia ser de outra maneira. Nós queríamos mostrar a realidade dos pichadores: o jeito de andar, escalar, falar e o modo como se vestem, por exemplo. Nossa ideia sempre foi ter pichadores fazendo o papel deles mesmos, até pela importância do movimento. Tudo o que mostramos no longa, é como é na rua", declara o diretor Claudio Borrelli sobre a escolha de não ter apenas atores e atrizes profissionais na produção.

"O mais incrível de ser atriz é conhecer e se aprofundar em novos universos e vivências que talvez não tivesse contato. Foi importantíssimo entender o que é o movimento do pixo e quem são as pessoas por trás da tinta. O pixo é a voz de pessoas que tentam ser silenciadas, que são esquecidas ou reprimidas pela cidade. Foi uma experiência indescritível trabalhar com todos os meninos no filme. Tivemos muitas trocas e viramos amigos", completa Bella Camero.

Vencedor da 45ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo nas categorias do Público como *Melhor Filme de Ficção Brasileiro* e da Crítica como *Melhor Filme Brasileiro*, *Urubus* tem roteiro assinado por Mercedes Gameiro, Claudio Borrelli e Cripta Djan, artista plástico que trouxe para a história os elementos de ficção baseados em sua própria experiência como pichador.

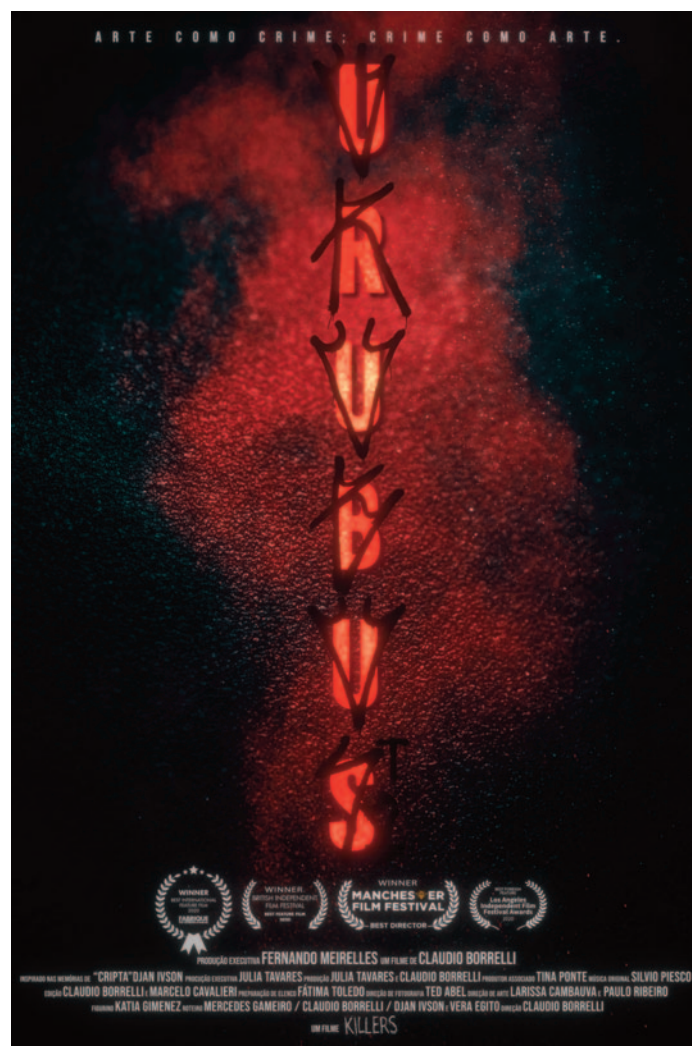
O longa-metragem também teve reconhecimento internacional ao vencer os prêmios de Melhor Filme e Atriz Coadjuvante (Bella Camero) no *British Independent Film Festival*; Melhor Diretor no *Manchester International Film Festival*; Prêmio do Júri no *Narrative Feature Film*, do *Fabrique Du Cinéma Awards*, presidido por Matt Dillon; e o *LAIFFA Winter Award–Winner*, no *Los Angeles Independent Film Festival Awards*.

SINOPSE

São Paulo. Na quarta maior cidade do mundo, onde a pichação cobre mais muros e prédios do que em qualquer outro lugar do planeta, Trinchas comanda um

grupo de pichadores que escala os edifícios mais altos para deixar sua marca. Quando Trinchas conhece Valéria, uma estudante de arte, seus mundos colidem resultando na invasão da 28ª Bienal de São Paulo. A partir de então, a pichação ocupa seu lugar no mundo da arte e o bando de jovens invisíveis da periferia torna-se protagonista de um polêmico debate cultural.

Trailer: <https://www.youtube.com/watch?v=Q4DM-mghO17g>



Arte

Cultura

Gastronomia
& Bebidas

Turismo

Comportamento

*Aqui você só encontra
notícias boas*

OXIGÊNIO
revista

Seus clientes
ou sua empresa
têm boas notícias
para dar?

Então o lugar é aqui.

ANUNCIE.

Solicite nosso Mídia Kit.

oxigeniorevistabr@gmail.com

(21) 3807-6497 / 97326-6868